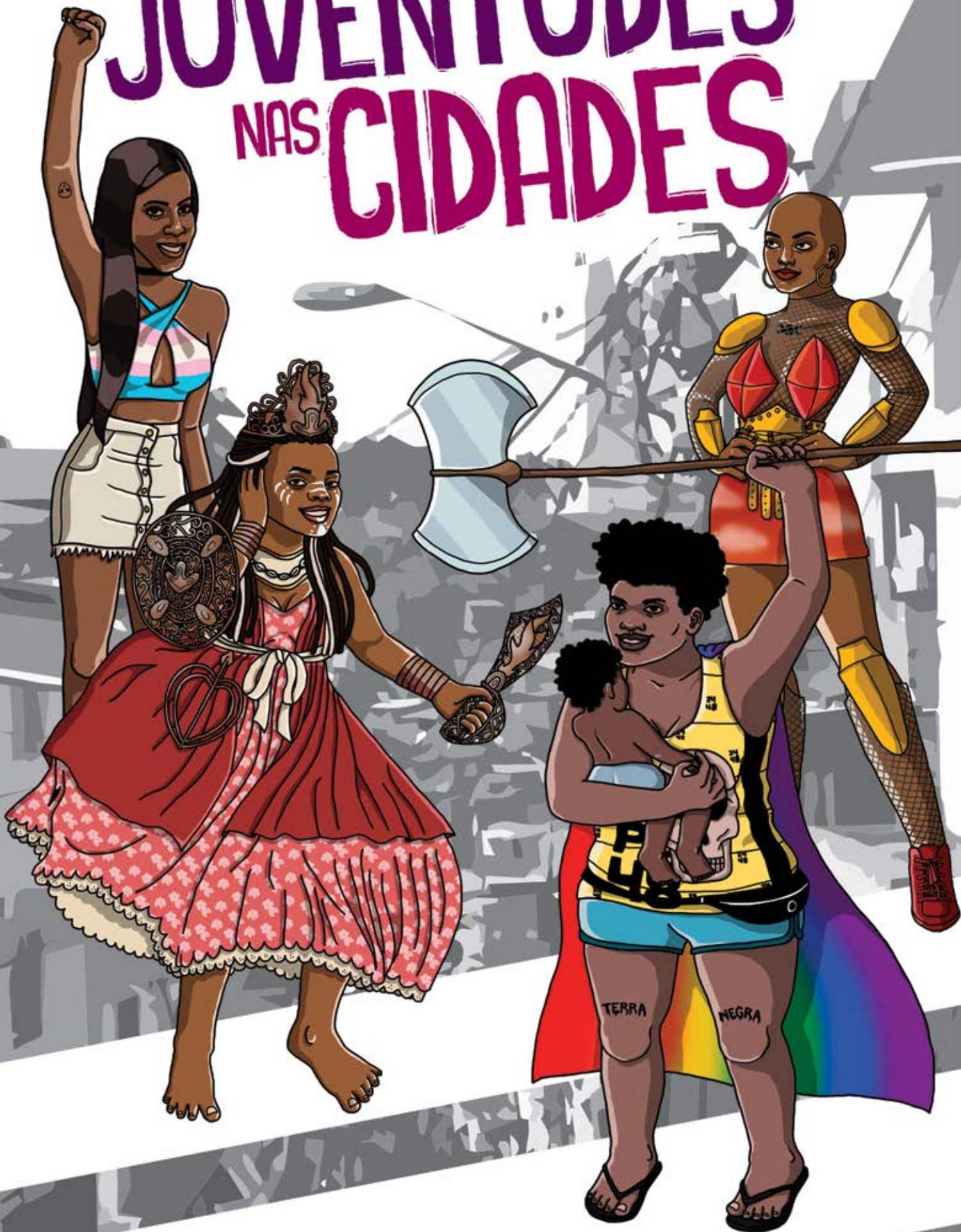


# JUVENTUDES NAS CIDADES



# SUMÁRIO

## 03 \_\_ INTRODUÇÃO

### 04 \_\_ DISTRITO FEDERAL - JUVENTUDES PERIFÉRICAS E SUAS diverCIDADES

- 07 \_\_ o Todo corpo periférico é um quilombo urbano
- 09 \_\_ o Direito à cidade
- 11 \_\_ o Economia criativa como base do desenvolvimento local
- 13 \_\_ o Cultura e empreendedorismo como formas de resistência
- 15 \_\_ o Autocuidado e ancestralidade como estratégia
- 16 \_\_ o Juventudes vivas — porque cabe cuidados ao corpo que corre
- 19 \_\_ o Editorial

### 20 \_\_ RECIFE - NOSSO ALICERCE É A ANCESTRALIDADE E NOSSA RESISTÊNCIA É A CULMINÂNCIA

- 21 \_\_ o Coletivos e grupos da Região Metropolitana de Recife
- 23 \_\_ o As mães do corre: maternidade periférica
- 25 \_\_ o Racismo religioso: como se o passado fosse agora
- 26 \_\_ o Genocídio da juventude negra
- 28 \_\_ o Racismo institucional/ educação
- 31 \_\_ o Impressionantes esculturas de lama: Direito à cidade e mobilidade urbana
- 32 \_\_ o Cidade segregada
- 34 \_\_ o Dança, música e grafite como instrumento de luta
- 35 \_\_ o O Rap como instrumento de luta

### 36 \_\_ RIO DE JANEIRO - JUVENTUDE CARIOCA MOVIMENTANDO POR DIREITOS!

- 39 \_\_ o Os direitos das juventudes
- 40 \_\_ o Juventudes coletivas
- 44 \_\_ o Juventudes autônomas
- 45 \_\_ o Conclusão

### 46 \_\_ SÃO PAULO - INFELIZ MUNDO ESSE QUE PRECISA TER HERÓIS

- 48 \_\_ o Realidade: é no encontro de vidas que se resiste a um projeto de mortificação
- 50 \_\_ o Conhecendo os rios: os coletivos e suas ações políticas
- 58 \_\_ o O que se pretende com a luta? O que nós queremos
- 59 \_\_ o O que se pretende com a luta? Rede de proteção contra o genocídio
- 60 \_\_ o Combatendo a rocha: não seremos interrompidos
- 61 \_\_ o A vida na quebrada é assim: celebrando a resistência pela vida
- 62 \_\_ o Ancestralidade: para se ler com o coração
- 63 \_\_ o Conclusão: levantando os concretos

# APRESENTAÇÃO

Katia Maia<sup>1</sup> e Tauá Pires<sup>2</sup>

É com imensa alegria que apresentamos esta publicação, fruto das reflexões trazidas pelos jovens que participam do projeto Juventudes nas Cidades no Distrito Federal e nas cidades de Recife, Rio de Janeiro e São Paulo.

Em 2015, a Oxfam Brasil construiu em conjunto com Ação Educativa, Criola, Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase), Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase), Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc) e Instituto Pólis o programa Desigualdade nas Cidades: Juventudes, Gênero e Raça, com intuito de contribuir para o enfrentamento das desigualdades no contexto urbano, promovendo os direitos das juventudes e o aprofundamento da democracia. O projeto Juventudes nas Cidades nasce no âmbito desse programa enquanto uma estratégia de ação coletiva, visando o fortalecimento de jovens e coletivos de periferias e favelas urbanas no exercício do direito à cidade e na busca pela inclusão econômica.

A Oxfam Brasil e suas parceiras apostam na atuação conjunta com jovens por acreditar que as juventudes representam um importante segmento na luta contra a pobreza e a desigualdade urbana. Além de sofrerem os impactos das diferentes desigualdades a que estão submetidos diariamente, trazem ativismo, criatividade e uma multiplicidade de tecnologias capazes de apontar caminhos para inovar as formas de fazer incidência política no atual contexto de crise.

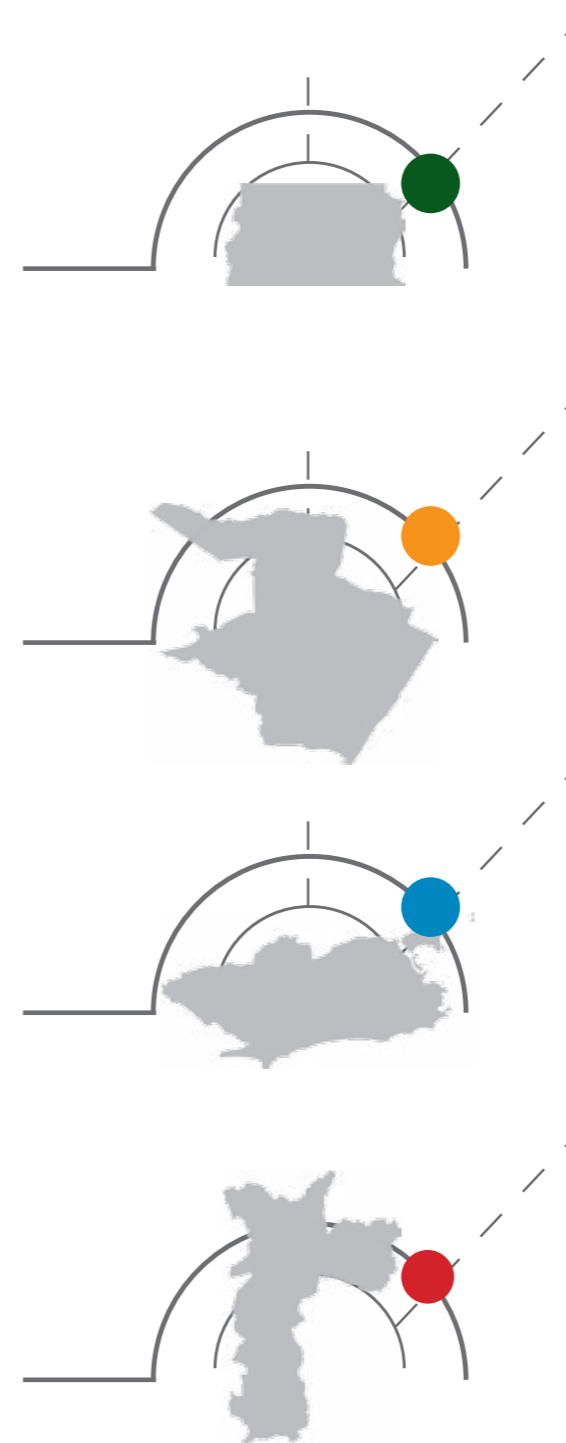
Atualmente, mais de 190 jovens e mais de 90 coletivos de periferias e favelas das quatro cidades estão envolvidos no projeto. É o som dessas diferentes vozes que a publicação se propõe a ecoar. Vozes oriundas da ação comunitária, da agroecologia, do artesanato, das artes cênicas, do ativismo estudantil, do audiovisual, das batalhas de rima, dos cosméticos, da cultura popular, da economia solidária, da educação, da dança, dos direitos LGBTI+, do feminismo negro, dos fóruns de juventudes, da grafite, do hip hop, da literatura, dos movimentos sociais, da performance, da produção cultural, do rap, do setor de vestuário, da tatuagem, das terapias alternativas, do zine e de tantos outros espaços de produção.

Faz-se necessário ouvir as juventudes, especialmente negra e periférica, para renovar as utopias e reinventar as formas de mobilização social. Estamos diante de uma experiência de aprendizado que entende as juventudes em sua pluralidade como potência transformadora para uma sociedade melhor, mais justa e igualitária, bem como força motriz para o enfrentamento das desigualdades estruturais em nosso país.

Desejamos uma boa leitura e te convidamos para caminhar junto com a gente nessa busca por um mundo melhor para todas as pessoas.

1. Mineira, Socióloga, Diretora executiva da Oxfam Brasil.

2. Pernambucana, Historiadora, Especialista em Gestão de Políticas Públicas de Gênero e Raça pela Universidade de Brasília (UnB) e Coordenadora de Programas na Oxfam Brasil.

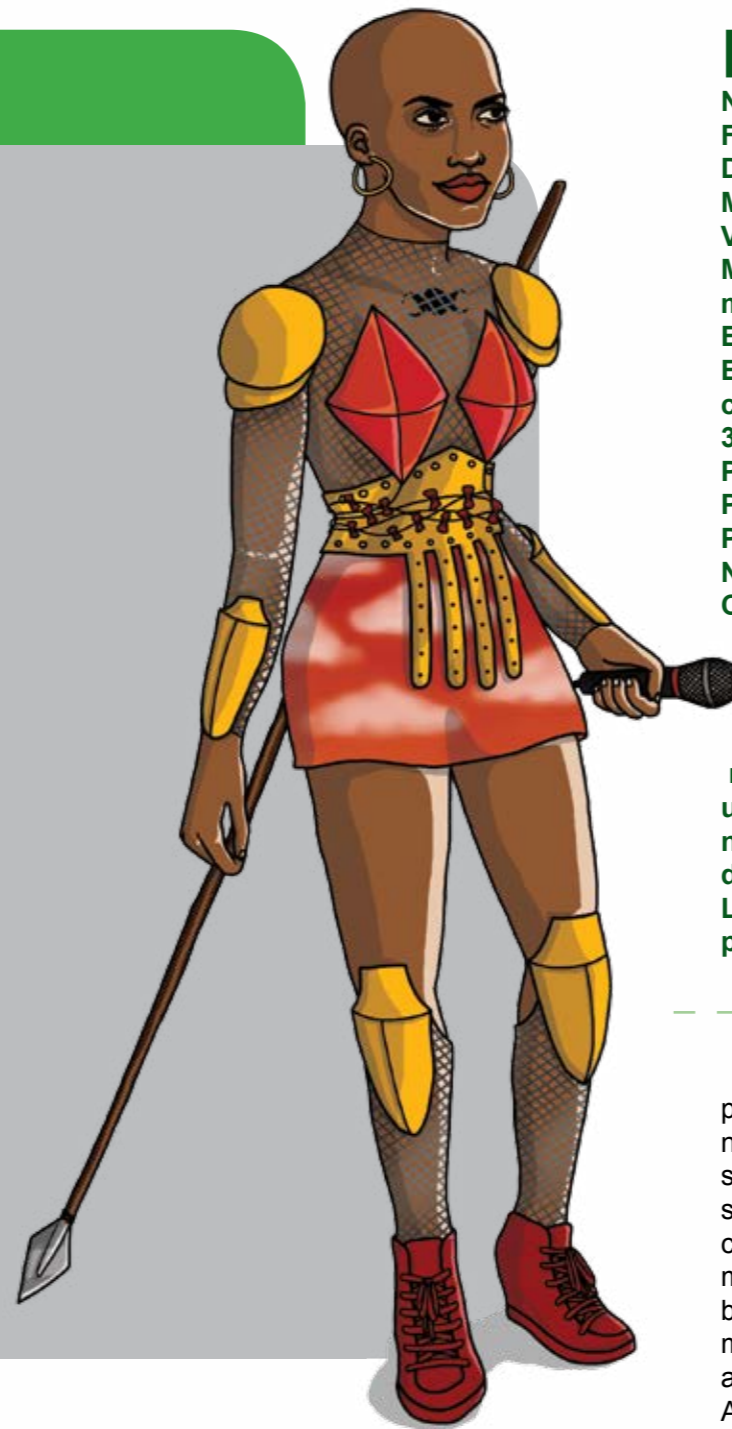


# JUVENTUDES PERIFÉRICAS E SUAS DIVERCIDADES

**N**ão busco a aceitação da minha cor,  
Não silencie a minha dor,  
Fiz da minha pele a minha armadura,  
Da minha voz, punhal, flecha e canção...  
Microfone na mão, meu corpo fala, minha mente compõe,  
Versos oriundos de um universo periférico...  
Meu corpo é a minha arma,  
me mantenho viva...  
Enraizada na quebrada, esse é o meu maior ato de resistência  
Existindo e resistindo em defesa dos direitos da minha  
comunidade,  
3 P.  
Preta, pobre e periférica.  
Por uma cidade que não nos matem,  
Por um território de direitos!  
Nessa busca por direito à vida, sobreviver é recurso,  
Compreendendo meu corpo como território, oratório,  
comprobatório da minha existência,  
ciência da melanina, que fortalece as minas,  
ainda que meus olhos se tornem mina.  
Sigo habitando minha cor, meu corpo,  
minha quebrada,  
um velho hábito de quem busca viver,  
na mente a ideia fixa...  
de felicidade, conectividade, ancestralidade, verdades sobre mim.  
Licença pra chegar, nas asas de Sankofa,  
permita me apresentar eu sou Luanda Silva Flores.

**E**scorpiana, com ascendente em áries, lua em libra, e facilidade para respirar nesse corpo só com o propósito de transformar, nasci na comunidade de Sol Nascente – DF, nessa periferia onde nem sempre o nascer do sol sorria — quem é das quebradas do DF, sabe que as asas do avião não oferecem sombra para gente de cor, sabem que o eixo é uma inversão das encruzilhadas onde, de mãos dadas, nós mulheres periféricas passamos com Yeshua no breu, nos becos na volta pra casa . Trajetória comum por aqui. A mim, o misto de oportunidade e desafio de ser a primeira da família a ingressar no ensino superior — cá entre nós, letras e regras da ABNT não são superiores aos ensinamentos da Dona Maria e sua aula de economia, pois com seu umbigo na pia, sustenta até hoje suas sete crias.

# DISTRITO FEDERA



Superior, super, super – rio, do privilégio de sair de suas entranhas, Dona Maria, salve sua vigília e sua constante guia, a minha mente e vida, minhas mães, tias, avós bisavós alumia. Nessa luz encontrei espaço para viver minha afetividade, minha bissexualidade, entoar minhas rimas, descobrir tons e versos.

Escudo de proteção à minha identidade racial, sexual, espiritual. Nas batalhas das gurias, nas rodas de conversa sobre racismo, direito à cidade e nos diálogos em espaços como o Fórum de Juventude Negra, sementes de libertação do padrão branco, macho e hétero. Na troca de ideias, ganho extra de inspiração, convicção que a caneta na mão de uma preta é uma lança de ponta aguda, é agulha e costura nossas feridas. É flecha certa!

Nenhuma mão preta segura a caneta sozinha.

Ciente dessa verdade, nada de mim sem nós, nada de nós distante de mim, meu chão periférico, meu hemisfério de existência. Sou sol nascente, LUAnda, lua nova, trago novidade à minha família, “nós agora temos diploma”, vizinha.

Lua crescente, a gente aprendeu a usar o pente para levantar e não mais alisar e se cismar, a gente sabe raspar e presenciar novas raízes desabrochar... Lua minguante minguou há muito o medo de ser negra, de preta me construir... Lua cheia, cheia de orgulho da pele que cobre meu corpo, do território que acolhe o desenho dos meus passos, sou a Lua que anda nos raios do Sol Nascente em uma afirmação constante, a juventude negra quer e vai viver e bem. Juventudes negras vivas são juventudes no corre.

#### **FORTALECENDO O CORRE**

Sigo Sigo na apresentação de um espaço de fortalecimento das juventudes periféricas, o Projeto Juventudes nas Cidades no DF (apelidado carinhosamente de Fortalecendo o Corre) é nutrido pela participação política de 50 jovens periféricos, sendo 88,9% negros, 67,6% pessoas LGBTI<sup>1</sup>. Moradores das cidades de Águas Lindas-GO, Ceilândia, Estrutural, Paranoá, Recanto das Emas, Riacho Fundo, Samambaia, Santa Maria, Valparaíso-GO, Varjão e Vicente Pires.

São jovens de coletivos atuantes em seus territórios em diversas atividades de caráter formativo, como audiovisual, fotografia e manutenção de bicicletas; participam e promovem espaços de autocuidado, rodas de

conversa, batalhas de rima, saraus, exposições, feiras e bazares; há também atores e atrizes, autores, cantores, poetas. Esses jovens se mobilizam em iniciativas como: confecções de camisetas customizadas, jardinagem, bombons, cosméticos naturais, acessórios e artigos artesanais. Essas ações explicitam juventudes criativas, ativas, trabalhadoras, comprometidas. Mostram também juventudes invisibilizadas, marginalizadas e criminalizadas, contudo, suas ações apontam o verdadeiro criminoso, que é o Estado impossibilitando oportunidades de estudo e trabalho à juventude e violentando seus direitos. Toda essa violência é comprovada na falta de políticas públicas à vida jovem negra, periférica e LGBTI.

Facilitar um espaço para a reflexão e leitura crítica desses processos é a intencionalidade dos encontros. O nosso Fortalecendo o Corre foi desenvolvido no Distrito Federal (DF) pelo INESC e nutrido pelos coletivos dos jovens integrantes, com um espaço de acolhimento e fundamentado na educação popular como fio condutor das narrativas e propostas pedagógicas, que se dão por meio de oficinas, webnários, eventos, saraus e assessorias técnicas que buscam fortalecer as ações e empreendimentos dos mesmos. Há também a compreensão da preciosidade que é propiciar aos jovens, de cidades tão diferentes e distantes, a possibilidade de refletir sobre direito à cidade e desigualdades sociais partindo de um lugar onde eles estejam na centralidade dos processos e em totalidade.

A juventude do projeto no DF teceu diálogos e memórias da construção de Brasília, essa ilha para poucos, na reflexão sobre serem jovens na terra capital, a saber que a cidade lidera o ranking de mais desigual<sup>2</sup>. Compreendendo as desigualdades sociais como mecanismo do racismo institucional, a partilha entre os coletivos se compôs como ponto e foco de união e força para os enfrentamentos que fazem. Nas páginas seguintes, dividirei com você um pouco do tecer de encontros e trocas nesse desafio de vivos nos mantermos. Como jovens, descobrimos nossos corpos como quilombos, nossas comunidades como territórios de esperança, a esperança como direito, o direito à cidade, à cultura, a inovar, inventar, lembrar da criatividade ancestral que perpassa ao cuidado sempre tão vital a sobrevivência do povo periférico, visto como marginal.

1. No Distrito Federal optou-se pelo uso da nomenclatura LGBTI - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, pessoas Trans e Intersex.

2. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/pesquisa-confirma-que-brasilia-e-uma-das-cidades-mais-desiguais-do-pais>  
<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-11/distrito-federal-registra-desigualdade-maior-que-restante-do-pais>



## TODO CORPO PERIFÉRICO É UM QUILOMBO URBANO

No barraco de madeirite tem gente, essa gente tem frio, o frio traz fome, a fome tem nome, o nome tem corpo, o corpo tem cep. Periferia...

Na periferia tem crianças, tem as cuidadoras, tem as domésticas, os pedreiros, pastores, os donos de bares, de farmácias, tem movimento, corpos em movimento.

Na periferia tem qui- lombo!

Qui lombo?

Qui lombo é esse que sobe e desce o morro?

Que acorda às três para servir o café para a sinhá às seis?

Qui lombo é esse? que se aperta na busão,

ferro de passar na mão,

amassa o cimento, sobe a parede,

ei psiu, não vai ao velório do seu parente?

Qui lombo é esse que a ele apontam armas...Canhões?

e ele segue, com a melhor das intenções... Viver!

Qui lombo é esse? Que faz dupla jornada,

trabalha mais, recebe menos;

ainda assim há de sorrir e proferir

que essas correntes vão ruir.

Qui lombo é esse?

Oi, tenta ... Tenta calar, silenciar...

Melanina vai cantar e convocar!

todos vestidos por ela, tombados nos campos, nas cidades, nas aldeias

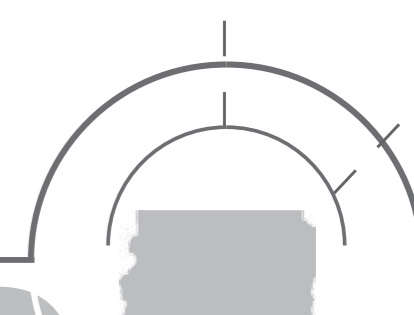
Chegou a hora de aquilombar, aqui – lombar, ocupar,

Aqui, agora, ser morada de si mesmo, ser e conhecer

seus ancestrais,

Pelo fim dos “ais”, oriundos do racismo institucional e ambiental,

Corpos periféricos são!





São nossos territórios, nossos campos de possibilidade, a começar pelo corpo: nosso primeiro território, primeiro abrigo; daí a importância de que esse território tenha permissão, estímulo e direito a cuidados, zelo, reconhecimento de suas necessidades e potencialidades.

Corpos periféricos, negros ou brancos, heterossexuais ou LGBTIs, masculinos, femininos ou não se encaixando no binarismo, vivenciam na falta de acesso à água, à alimentação, à iluminação, ao transporte, à educação, ao saneamento básico ou aos espaços de lazer e cultura; essa escassez que se configura em violação à condição de humanidade desses corpos.

Compreender a periferia para além da cor, da renda, dos traços ou gírias, é compreender que cada ser periférico está à margem de uma linha traçada pelo construto social, evidenciada pela grafia das desigualdades sociais. É observar a dinâmica de absorção da vida dos sujeitos periféricos pelas grandes cidades, dos mecanismos de controle usados hoje, que substituem os do período colonial, embora sejam ainda a forma de tentar manter esses corpos escravizados, por meio de políticas públicas que não chegam a esses territórios. Há quem ainda não consiga chegar a esses locais, seja pela mobilidade urbana, escassa de linhas de ônibus, que funcionam como porteiros de controle levando e trazendo pessoas, ou pela ideia de que periféricos no centro, só para o trabalho.

Em um olhar mais atento, nota-se a falta de espaços públicos de educação, cuidados com saúde, espaços de esporte e lazer, falta de Estado... Esses territórios são sempre povoados por crianças, pipas no céu, povoados pela vizinha manicure, pela vendedora de cosméticos, pelas senhoras do bazar... Vemos um povo criativo, colorido, encantado e encantador que, nesse exercício, sublima suas dores. Esses corpos negros, brancos, in-

dígenas, femininos, masculinos, não binários, LGBTI, evangélicos, espíritas, católicos, ateus, agnósticos, de religiões de matriz africana, se reconhecem, se aquilombam...

São as periferias que carregam nos ombros as grandes cidades, são as periferias a coarem o café, amassar o pão, abrir os estabelecimentos, limpar as ruas, para que os centros possam começar um novo dia. São nas periferias que acontecem as primeiras canções do dia.

Periféricos são sujeitos que lidam ainda no ventre de suas mães com o racismo institucional e ambiental, já no tecer de sua corporeidade e vivência. A violência racial vem se apresentar na falta de médicos para o pré-natal, nas horas sofridas para o parto (já que existe a crença que mulheres negras aguentam mais dor), nos quartos lotados da maternidade, na volta para casa dentro do ônibus apertado e abafado, que além de demorar a passar, não tem qualidade. O racismo ambiental vem como instrumento que impossibilita em totalidade o direito à cidade, sobretudo às juventudes negras, uma vez que o único território que segue sendo oferecido a eles continua sendo o campo sagrado.



## DIREITO À CIDADE



**A** liberdade um dia pode ser nossa companheira nesta caminhada, mas quando será que temos o direito às nossas cidades? Ou melhor, já tivemos?

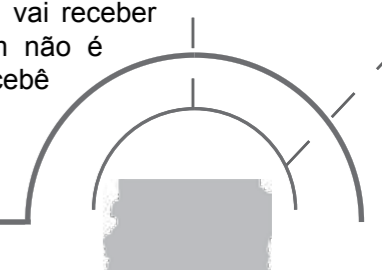
Diante de várias indagações sobre o que é esse tão falado direito à cidade, podemos partir da obra que trouxe o conceito ao mundo: O Direito à Cidade, de Henri Lefebvre, em que define a cidade enquanto “projeção da sociedade sobre o terreno”. Saindo do contexto europeu e chegando à nossa terra tupiniquim, um personagem chave para olharmos para cidade e o urbano é Milton Santos, geógrafo brasileiro, negro, que trouxe um olhar sobre como a nossa sociedade está em constante conflito e que muitas vezes não conseguimos vê-los, pois esses conflitos se dão em diversas esferas. Aqui, vamos falar da esfera social.

A sociedade brasileira é extremamente desigual e o Coeficiente de Gini é uma das maneiras de mostrar tais desigualdades. Essas desigualdades se destacam em diferentes esferas, desde a renda da população até direitos básicos como o acesso à água. Pensar sobre direito à cidade é pensar sobre políticas públicas e fa-

zer um exercício histórico e geográfico para entender como estamos atualmente.

Nos centros das cidades, vemos certa facilidade no acesso aos bens, aparelhos públicos, renda e emprego, porém podemos pontuar que falta a centralidade da vida, que as pessoas que movimentam e fazem funcionar o sistema são as vindas das periferias. Sendo assim, a construção da identidade local não acontece, não se cria pertencimento. Já nas periferias, mesmo recorrentemente existindo a violação de direitos civis falta de direitos sociais e desconsideração das opiniões políticas dos que habitam essas regiões, percebemos um esforço de articulações, construção de identidades e de apoio. Sabemos que é responsabilidade do Estado fazer com que as políticas cheguem à periferia, mas enquanto isso não acontece, a quebrada se organiza para resistir e incidir.

Diante de uma permanente exclusão do status de cidadãos plenos, a questão racial é um dos fatores que muitas vezes diz quem vai receber investimentos ou quem não é tão digno assim de recebê



-los. Diz quem vai poder andar sem medo da polícia, aponta aquele que não vai ser perseguido nas lojas, mesmo vestindo a sua melhor roupa. A cor da pele é um sinal de perigo que na representação social diz muito sobre como a falta de representação política partidária da maioria da população brasileira reverbera na precarização do acesso a direitos.

A cidadania e o direito à cidade devem ser compreendidos como estratégia política, entendendo que o papel dos movimentos sociais e da sociedade em geral tende a ser importante nos embates sobre os direitos. Sabe-se que há um campo de batalha e que a diminuição da desigualdade interpassa os âmbitos raciais, de gênero, de condições sociais, de moradia e de integridade de direitos.

As juventudes estão se articulando em coletivos com as pautas mais diversas, discutindo questões de raça, gênero e mobilidade. O que há de pulsante nessas aglomerações são a diversidade de olhares, de saberes e de contribuições. Por exemplo, ajuda as pessoas a entenderem que para um homem gay negro ter o seu direito de ir e vir, permanecer e se sentir livre, precisa que todas essas especificidades estejam sendo trabalhadas conjuntamente. É necessário que todos os direitos se deem de forma universal. Se as periferias tivessem de fato seus direitos atendidos, poderíamos afirmar que teríamos o direito à cidade, enquanto isso não acontece, continuamos resistindo e incidindo para que as cidades sejam de fato nossas.

A valorização da cidade se dá à medida em que nos identificamos e nesse contexto geramos uma conexão que faça com que nos movamos para reivindicar do poder público as modificações necessárias. Os coletivos pulsam o orgulho de serem de periferias e

crecem, muito. Um exemplo é o movimento hip hop, que com sua rima e cantos faz uma crítica profunda e forte sobre a realidade social que os moradores estão sujeitados.

Os problemas sociais como a violência policial, a violência do “mundo do crime”, o desemprego, a segregação socioespacial, a ausência de infraestrutura urbana, de espaços de cultura, e a falta de reconhecimento social de suas individualidades formam uma experiência comum entre os jovens periféricos. Eles passam, então, a compartilhar os elementos culturais associados ao hip-hop, à dança, ao teatro, fortalecendo uma ideia de pertencimento e identidade e maximizando o poder de ação conjunta.

Como marcos legais temos indícios do tema na Constituição de 1988. Os artigos 182 e 183 garantem a função social da propriedade urbana e de usucapião. Outro marco importante para o direito à cidade foi o Estatuto da Cidade (2001), que assegura o uso da propriedade urbana em prol do bem coletivo, da segurança e do bem-estar dos cidadãos, bem como do equilíbrio ambiental.

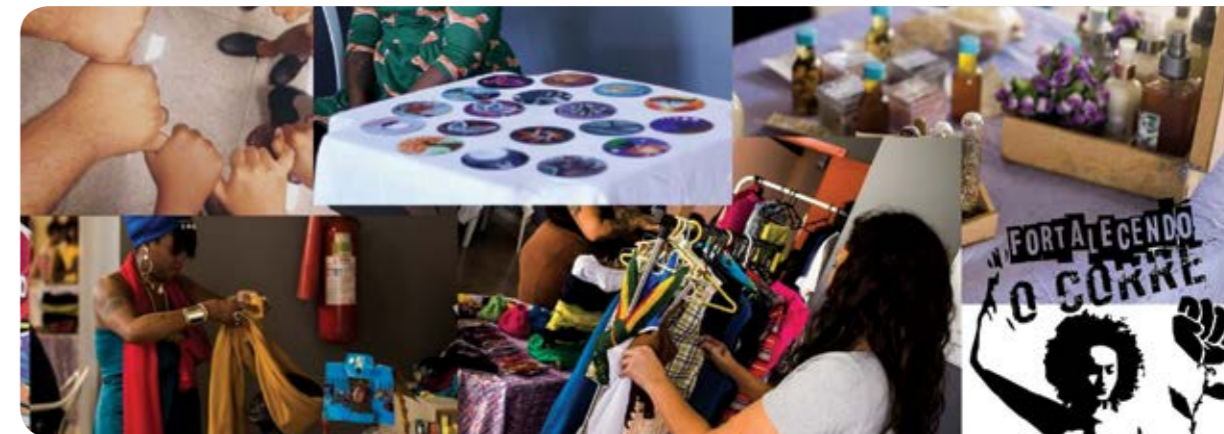
O direito à cidade, ou melhor, o direito da periferia à cidade é um elemento chave da máxima “direito a ter direitos”, lembrando que além da conquista formal ou do acesso a direitos aparentemente conquistado, ele traz consigo a oportunidade de invenção ou criação de novos direitos e o reconhecimento do direito a ser visto e respeitado sem que haja qualquer tipo de pré-condição para isso.

A solução e a criação vão vir da periferia, e nela há um terreno fértil para a criatividade e mudança para finalmente termos uma cidade que nos reconheça e que nós nos reconhecemos nela.

# ECONOMIA CRIATIVA COMO BASE DO DESENVOLVIMENTO LOCAL

Num contexto mundial, onde 4,4 bilhões de pessoas vivem abaixo da linha da pobreza<sup>1</sup>, ao se pensar em periferias é necessário tecer alternativas que favoreçam o desenvolvimento local. A economia criativa é uma alternativa na geração de trabalho, renda e inclusão social, que se dá através de estratégias que integram quem produz, quem vende, quem troca e quem compra.

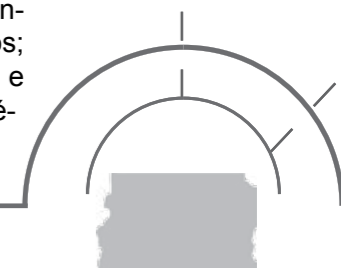
Com valores justos, pensando em consumo consciente, sustentabilidade e giro de capital nos territórios periféricos, a economia criativa e solidária é uma alternativa para o desenvolvimento local, pois valoriza a diversidade e os saberes populares, oferecendo subsídios para o desenvolvimento econômico dos territórios e para o pleno exercício da cidadania dos sujeitos periféricos. A verdade é que a economia criativa tornou-se um importante instrumento de combate à exclusão social e à pobreza, pois permite coletivamente a geração de renda para muitos trabalhadores e trabalhadoras, assim como fortalece as redes locais. Em contrapartida, vai mudando as práticas de consumo internalizadas pelo sistema, pois contesta o modelo capitalista, propondo a construção de relações econômicas mais justas, solidárias e sustentáveis, fomentando desta forma o desenvolvimento local justo, solidário e criativo.



As juventudes periféricas que estão empreendendo, são focos de transformação social e de entrelace de ideais, sendo que os coletivos organizados — nas mais diversas temáticas — assumem um protagonismo e suscitam um fortalecimento de redes. Dentro do projeto Juventudes nas cidades - DF houve um grande incentivo para essas trocas, com oficinas voltadas às empreendedoras e aos empreendedores, como gestão de negócios, marketing e escrita de projetos; os jovens participantes puderam se fortalecer enquanto indivíduos e enquanto coletivos, levando de volta para seus territórios as estratégias assimiladas.



Distrito FEDERAL





A redes de afetos, contatos, saberes e de energia são uma estratégia que pode partir do micro, com a vizinhança, amigos, moradores, até uma articulação mais ampla de coletivos. Um exemplo nítido do que aconteceu no projeto foram as Feiras do Corre, onde os participantes podiam expor seus empreendimentos, que vão desde chás, autocuidado, artesanato, camisetas, massagem, brechós a atividades artísticas, com cantores, rappers, poetas e atores. No macro, um bom exemplo do que essas práticas podem influenciar no desenvolvimento de uma comunidade, são as edições mensais da Ecofeira que acontecem na Ocupação Cultural Mercado Sul Vive, movimento de ocupação de uma área urbana localizado em Taguatinga-DF. O Mercado Sul é um espaço comunitário de vivências, performances artísticas, criação de novas tecnologias sociais, de exposições, troca e venda de produtos e serviços, que seguem princípios ecológicos e de economia solidária e criativa.

De acordo com a produtora cultural e integrante da Ocupação Daniela Rueda, a Ecofeira, que acontece uma vez por mês, funciona de forma justa, amigável e proporciona economia colaborativa que é o que move a maioria das atividades que acontecem ali no território, o que cria alternativas ao capitalismo, quando a maioria da sociedade, que não é proprietária do capital e dos meios de produção, toma consciência de que essas práticas são do seu próprio interesse. Ainda de acordo

com Daniela Rueda, “a economia solidária e criativa vai além da prática, ela conecta pessoas”.

É preciso pontuar que essas estratégias não são novidade nas periferias, pois elas se dão nas práticas de escambo feitas por nossas mães, avós, bisavós, nas trocas de serviços e produtos que acontecem e sempre aconteceram entre os nossos. O que existe agora são os jovens resgatando essas tecnologias ancestrais, em resposta ao plano genocida. Enquanto país, presenciemos um avanço significativo em políticas públicas como ProUni e sistema de cotas, que favoreceram a inserção das juventudes periféricas nas universidades e faculdades, porém, não houve nenhuma política voltada para um enfrentamento sério ao racismo institucional e ambiental, cujo reflexo é comprovado nos altos índices de desemprego da juventude negra e LGBTI, uma vez que a carreira acadêmica não embranquece e nem heteronormativiza.

As e os jovens e os jovens participantes do Juventudes são indicadores vivos da criatividade, da resistência e resiliência em permanecerem protagonistas de suas histórias, artes, empreendimentos e vidas, tudo isso em resposta e enfrentamento ao mercado de trabalho hetero, branco e macho. Eles e elas ressignificam o espaço de trabalho como espaço de invenção, convocando seus corpos e mentes a ocuparem a cidade, e se tecerem na geração de renda como a Geração do Corre.

# CULTURA E EMPREENDEDORISMO COMO FORMAS DE RESISTÊNCIA

A cultura se expressa nos hábitos, nos costumes e no comportamento das pessoas. Hoje, a juventude está cada vez mais complexa e dinâmica para agregar vários espaços. Possuindo diversas formas de se expressar, sendo criadores de suas próprias expressões. As manifestações culturais que são desenvolvidas nas periferias do Distrito Federal também são uma alternativa de geração de renda. Essas movimentações trabalham o cooperativismo, a busca e afirmação de identidades, o pertencimento e corrobora com formas de economia criativa e solidária.

As juventudes estão fazendo o movimento de agregar a cultura periférica a possibilidades econômicas, possibilitando o resgate e afirmação de suas identidades como formas de se pensar em trabalho e geração de renda, assim como na preservação da vida dessas juventudes na sociedade. Defendemos que a cultura dá sentido à vida e fortalece as juventudes, contribuindo com o pertencimento, a conservação dos territórios e como formas de resistência.

Por meio de projetos e manifestações culturais que são realizados nas periferias e pelas pessoas perifé-

cas, sobretudo as juventudes negras e LGBTI, vemos o sentido dos grupos que empreendem, que utilizam dessas ferramentas, assim como de seus saberes, emprestando suas diversidades aos projetos, intervenções e na geração de renda para seus territórios, participando e compartilhando os espaços e saberes e se fortalecendo enquanto indivíduos e coletivos.

Pensando em políticas públicas e no papel do Estado, o grande desafio é dar condições a essas juventudes para serem consumidoras e produtoras de cultura, no sentido de termos incentivos para que isso de fato aconteça. No Distrito Federal houve investidas por conta do Governo para a redução e cortes nos orçamentos de cultura, mas, em contrapartida, os movimentos foram intensos para a preservação de tais verbas e os coletivos que trabalham nesse âmbito, em parceria com as militâncias que se tecem nessa narrativa, foram fundantes para retardar e combater esse retrocesso — como exemplo, os montantes preservados do FAC (Fundo de Apoio à Cultura<sup>4</sup>).

O movimento Hip Hop é uma das manifestações culturais que apresentam muita adesão das juventudes



2 . Forma em que o projeto Juventudes nas Cidades foi apelidado pelos jovens do DF, inspirados pela gíria correria que faz referência à pessoas que sempre buscam estratégias de gerar renda.

4. [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/05/16/interna\\_diversao\\_arte,755450/cortes-do-fac.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2019/05/16/interna_diversao_arte,755450/cortes-do-fac.shtml)



periféricas, tendo um potencial incrível em desenvolver o interesse político, provocar debates e o senso crítico, assim como problematizar e a partir disso pensar em formas de resistência, aumentando a autoestima dos jovens e fortalecendo suas identidades quanto população periférica e negra, através da poesia, do rap, das batalhas de rima, da arte do grafite e da dança. É importante destacar que dentro desse movimento, as juventudes LGBTI e femininas estão em auge, corpos que antes eram excluídos e muitas vezes violentados por essa cultura, estão ressignificando e ocupando espaços que antes se diziam de homens heterossexuais. No DF temos os exemplos das Batalhas de Rima, como a batalha das BYXXAS e a batalha das Minas, que são produzidas por mulheres e LGBTIs.

Um dos eventos desenvolvidos no âmbito do projeto Juventudes nas Cidades no DF foi o “Poesia nas Quebradas” que retrata bem como a economia pode ser desenvolvida no campo cultural, possibilitando assim essas juventudes a terem uma nova perspectiva sobre suas produções. O evento contou com a participação do rapper Eduardo Taddeo, ex-integrante do grupo Fação Central, diversos artistas de Rap, escritoras e escritores, grafiteiros, assim como a Feira do Corre, em que os jovens participantes do projeto foram estimulados a mostrar os seus empreendimentos, embasados



nas formações, oficinas e assessorias voltadas à inclusão desses novos empreendedores periféricos para geração de renda.

Dar oportunidades para jovens empreendedores e fortalecer o comércio local é fazer com que o dinheiro gire dentro da comunidade, proporcionando uma melhor relação com o produto comprado. Isso não é só fortalecer em questão de geração de renda, mas também permitir com que as pessoas conheçam outras culturas, possibilitando que outras pessoas tenham conhecimento de um comércio mais justo. Para a artista e autônoma Tau Boiba, uma das jovens que participou do evento de autogestionado em Planaltina- DF, “Poesia nas Quebradas” a cultura vai além de teatros, cinemas e shows. Dentro da cultura conseguimos perceber os empreendimentos locais. A juventude tem um potencial incrível de criação e adaptação, e quando conseguimos unir esses elementos culturais ao empreendedorismo em espaços de resistência é revolucionário. “Festividades é maravilhoso, mas é necessário a troca de conhecimentos, expertises, fortalecimento e apoio para aqueles que estão apenas no sonho de sobreviver e empreender”, diz Tau.

As juventudes fortalecem suas identidades através da cultura e do empreendedorismo, buscando possibilidades de resistência coletivamente, pensando e construindo espaços e possibilidades inovadoras ou ancestrais, onde a inserção no mercado de trabalho não é uma possibilidade. Esses jovens fazem seus “corres” e contribuem para que a economia local de suas periferias se movimente. Elas e eles querem viver e seguem resistindo todos os dias, sempre lembrando de lutar para que o Estado faça o seu papel de fornecer direitos e não de retroceder diminuindo-os ou extinguindo-os.



## AUTOCUIDADO E ANCESTRALIDADE COMO ESTRATÉGIA

Pensar em autocuidado como estratégia vai muito além do cuidar de si num sentido externo, estético ou de somente fortalecendo a autoestima (mesmo que isso também seja importante): está relacionado diretamente à sobrevivência. Se nos posicionarmos enquanto povo negro e periférico, podemos resgatar habilidades que remetem ao que era usado por nosso povo há muito tempo, que iam desde os cabelos que serviam como mapas, trançados nas cabeças de nossas ancestrais, até as ervas e remédios naturais usados para curar as enfermidades.

Está em nossa história, em nossa ancestralidade, a capacidade de resistir, de tecer estratégias. Autocuidado para o nosso povo sempre foi questão de sobrevivência e sempre foi pensado de forma coletiva, afinal, quando um de nós se cuida e está bem, está vivo, levamos todos aqueles que vieram antes e garantimos aqueles que ainda virão; ancestralidade é isso, lembrar de onde viemos, lembrar que nossos pais, mães, avós, avós, bisavós são também nossos ancestrais e que mesmo nós também somos dos que estão chegando. Portanto, se cuidar é cuidar de todo um legado, de uma história, é preservar essa ancestralidade, é garantir a continuidade.

Ao se pensar, então, no autocuidado de forma coletiva, podemos destacar que enquanto juventudes negras, periféricas, LGBTI esse espaço sempre nos foi negado. Podemos ver isso pela escassez de políticas públicas voltadas ao nosso povo, provocando o adoecimento e nos deixando sem perspectivas. Em paralelo, esse mesmo Estado não oferece meios de cuidado, e isso pode ser facilmente mensurado se relacionar-

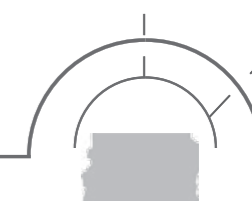
mos, por exemplo, os dados sobre desemprego entre jovens <sup>6</sup> (sobretudo jovens negros e periféricos) e a taxa de suicídios no Brasil, que segundo os dados do Ministério da Saúde atinge principalmente os homens negros entre 15 a 35 anos.

Enquanto não conseguirmos visualizar o autocuidado enquanto saúde mental, afetividade, saúde reprodutiva, trabalho e emprego, educação, lazer e cultura, ou seja, enquanto não conseguirmos entender que a vida é prioridade, que para viver bem é preciso o acesso a políticas públicas de qualidade e universais, não conseguiremos desvencilhar o estigma de que autocuidado é algo individual. É preciso lembrar que ele se dá, sim, nessa esfera, mas que acima de tudo ele é algo coletivo.

Uma importante estratégia é lembrar a responsabilidade do Estado por esse plano genocida contra as juventudes periféricas, que adoecem, encarcera e mata, com a falta de políticas públicas. A partir disso é importante pensar em estratégias de enfrentamento e incidência para que todas as juventudes tenham direitos em equidade e qualidade de vida; que aconteça a extinção do genocídio da população negra, da LGBTIfobia e das demais opressões enfrentadas por essas juventudes.

Nossas individualidades dentro dos coletivos são nossa maior ferramenta de autocuidado que serve não só para nos fortalecer, mas também nos manter vivos nas periferias. Isso se dá por meio dos grupos artísticos, de apoio a mulheres e população LGBTI, aos mandatos coletivos, às casas de acolhimento. É ancestral pensar o cuidado em coletividade, no cuidar de si, do outro e do território. Afinal, não existe luta, resistência, cuidado, ou qualquer outra coisa se não existe vida!

5. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/08/17/desemprego-entre-os-jovens-e-superior-ao-dobro-da-taxa-geral-aponta-ibge.ghtml>  
6. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/08/16/falta-trabalho-para-276-milhoes-de-brasileiros-aponta-ibge.ghtml>  
[http://bvsmms.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/obitos\\_suicidio\\_adolescentes\\_negros\\_2012\\_2016.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvsm/publicacoes/obitos_suicidio_adolescentes_negros_2012_2016.pdf)  
<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>



# JUVENTUDES VIVAS! (PORQUE CABE CUIDADOS AO CORPO QUE CORRE)

Nós trouxemos uma perspectiva mais política a respeito do autocuidado, mas como dito no início do texto, o cuidar de si, da estética, do bem-estar, do emocional, também é importante. Pensando nisso, elaboramos os seguintes infográficos com algumas dicas de como se aproximar de si mesmo, lembrando que o passo mais importante é a decisão de estar presente no seu presente.

## Escalda pés relaxante

- 1 punhado de sal grosso
- 1 raminho de hortelã
- 1 punhado de camomila
- 1 punhado de capim limão
- 1 litro e meio de água fervente

Modo de preparo:

Ferva a água, desligue o fogo, coloque as ervas dentro em infusão, aguarde o preparo amornar, despeje numa vasilha ou balde que caiba seus pés e aproveite esse momento de cuidado e relaxamento.

Colocar músicas que te relaxem pode ser bem legal, assim como prestar atenção nas sensações e aromas que o escalda pés desperta!



**Distrito FEDERAL**

**Autocuidado**  
Tire um tempo para você!

**Um banho sempre faz bem!**  
Se você está cansado(a) e precisa relaxar- banho quente  
Se está nervoso(a) ou precisa despertar- banho frio

**Hora do chá**  
Hortelã te dá energia, erva cidreira te ajuda a dormir,  
camomila te acalma, melissa alivia o estresse, só escolher o seu!

**Automassagem**  
Tire uns minutinhos para se automassar, faz bem pro corpo, faz bem pra mente!

**Aromaterapia**  
Os aromas podem ajudar muito! Alecrim para a concentração, laranja doce para insônia, lavanda para liberar os sentimentos ou patchuli para dar coragem? Use os óleos essenciais ao seu favor.

**Sou mulher**  
Por Sara Aruana Reis.

Sou dia, sou noite  
Sou forte, sou fraca  
Sou carinho, sou açoite  
Sou cafuné e chibata  
Sou Branca, sou preta  
Brisa e tempestade  
Sou anjo, sou capeta  
Sou inteira sou metade  
Sou mulher  
Sou simples e complexa  
Muito fria, muito quente  
Sou criança sou adulta  
Sóbria e entorpecente  
Sou o céu, sou o inferno  
Sou Fácil e difícil  
Sou água, e sou terra.  
Economia e desperdício  
Sou mulher  
Sou razão e coração  
Palavrinha e palavrão  
Sou insana e sensata  
Sou loucura e sanidade  
Sou grata, sou ingrata  
Sou mulher  
Festa e quarto fechado  
Ribeirinho e cachoeira  
Sou a vista e sou a prazo  
Planalto e ribanceira  
Sou linda e sou feia  
Sou planta e raiz  
Sou artéria, sou veia  
Sou triste e sou feliz  
Eu Sou mulher  
Sou mãe sou filha  
A mais crente e a mais atéia  
Sou limpa e sou suja  
Protagonista e plateia  
Sou a água e o vinho  
A flor e o espinho  
Sou o querer e o poder  
Sou o que sou  
Sou mulher!!

**Cotidiano**  
Por Jaynah Christine

Preparo a armadura  
Que o Sol já tá no céu  
Depois do banho é base,  
Blush, rímel, linha com pincel  
Nos trinque, pra valorizar as curvas  
Desse olhar atento.  
Não se distrai com qualquer movimento.  
Põe água pra ferver, cuscuz pra hidratar,  
As roupas pra bater...  
Ninguém vai me ajudar!  
Passo o café, passo o uniforme  
Tudo nos conformes  
As crianças também já tão de pé  
Agora é o6h e 20, o tempo no limite  
Tem mais dez minutos pra terminar a refeição.  
Conta as moedas, vê se tem passagem.  
Não!  
A malandragem é quem garante a condução:  
Bom dia, motora. To 'atrasadona'  
Eles têm escola. Cê me descola uma carona?  
Desculpe o prejuízo,  
Mas o meu motivo é bem maior que isso:  
Não quero ver eles na lona!  
Queria ver os manos correria  
Sustentar a pressão  
De uma mulher só um mês e não  
Largar a responsa nas costas  
Da Primeira que encontrar  
Com 'caozin' de construir um lar  
Queria ver os mano correria sustentar a pressão  
De dar presença, amor e educação  
Abrindo mão dos sonhos  
E até da própria profissão  
Pra evitar falação!



O poder dos preto já derrubou altos muros  
Hoje ainda temos que seguir pensando  
escuro  
Pra abrir nossos caminhos e os olhos  
estão achando  
Que na cidade na verdade é só parque  
tão visando  
Que acirra a divisão e dificulta os acessos  
Atrasando nosso lado segue o rumo do  
"progresso"  
Mas peço nesses versos, nego se aperreie não  
Que as cortinas se abrirão mostrando a Falsa  
Abolição

A quebrada na caverna onde Batman agride  
em inocente  
O ódio é agrotóxico e tá incluso na semente  
Carne negra mais barata na queima de  
estoque  
Pra sobreviver só tendo a epiderme do  
Hancock  
Manos fugindo da violência mesmo assim  
sendo atingidos  
Sua segurança por vários defensores  
omitidos  
Tudo isso evidenciando o porquê do nosso  
atraso  
Eles gritaram terra a vista pra nos saquear a  
prazo

Verso aclínco, a fraqueza requer força Ninja  
Transformo em Shuriken minha voz e rima  
Fácil falar que minha prosa é agressiva  
Se não veste minha pele. Se não vive a minha  
vida  
Você não sabe tudo que eu já passei  
Xingamento, pedrada e humilhação só por  
ser gay  
Mas eu venci, e só porque eu decidi  
Que o clã é meu escudo e minha espada  
shinobi

O caminho do poder é nossa trajetória  
Gás de pimenta não abala nosso raciocínio  
Conhecimento é munição que resgata a  
memória  
A cultura é nossa arma contra o extermínio.  
O fascismo vem pra deturpar nossa história  
O racismo acha brecha para o extermínio  
Conhecimento é munição que resgata a  
memória  
A cultura é nossa arma contra o seu domínio

Se é uma guerra de classes, sou  
gladiador da quebrada

Não dá pra entender porque tanta  
perseguição  
Se seus pente de munição  
Não encontra perdão e nem redenção  
Só condenação. Uma chamada a  
cobrar  
Que custa muito mais que esse  
celular, se pá  
Façamos um comparativo  
Esse aparelho custou quantas noites  
no presídio  
Quantas vezes usou ele pra falar com  
teu filho?  
Responde amigo?

Como passageiro sigo essa viagem  
Sem saber se tenho de fato essa  
passagem  
Pra chegar... desde meu tempo de  
pivete  
Uns queriam soltar pipa e eu só queria  
fazer Rap  
Mas o DF, fez o busão não entrar na  
minha quebrada  
Nada me para. Na avenida Fumiga  
pedala  
Fone de ouvido, mais uma letra triste  
Até conquistarmos o nosso "passe  
livre"

Minha mãe me viu brincando antes  
chuva  
Menino sai daí, começou a trovejar  
Chuva vai ser forte vai chover rajada  
E quem matou foi uma nuvem de farda.  
Saímos da Estrutural para estudar  
Ficamos horas esperando o ônibus  
passar  
Quando chegamos na escola  
Temos a nossa bolsa revistada,  
revistada



São parte intuitiva, política, ativa e protagonista dessas narrativas: Aline Ferreira do Nascimento, Allysson César Brandão Mejia, André Felipe Barros de Medeiros, Breno Henrique dos Santos Rodrigues, Caio Silva Machado, Cristiane Araújo Mota, Daniel Fernandes de Sousa Correia, Danielle Morais Alves, Eliabe Silva Rodrigues, Emerson Silva Carneiro, Fábio William da Silva Pereira, Gabrielle C. Alves, Jefferson Ferreira dos Santos, Jéssica Pereira da Silva, José Bernardo M. Fernandes, Jusciane Matos de Lima, Larissa Cristina Rodrigues da Silva, Luana Gomes de Souza, Lucas Miguel Salomão Meireles, Lunna Barbosa Lucena, Marina Rodrigues de Souza, Priscila de Fátima dos Santos, Rogerio de Souza Duarte, Sara Aruana Belsa dos Reis, Tatiana dos Santos Penha, Tauan Boíba Santos, Tauane Lys Souza Santos, Marina Ferreira Vasconcelos, Larissa do Nascimento Gonzaga, Fabio William da Silva Pereira, Alexandre Gomes Ribeiro, Jaynah Christine da Silva Sousa, Eldnaide dos Santos Oliveira

Cada nome aqui escrito é um corpo em manuscrito, quebrando o veredito de morte sobre os corpos jovens. As Juventudes seguem tendo a vida como principal atitude.

#### Editorial:

Os conteúdos aqui reproduzidos foram coletados e escritos pela equipe editorial do projeto Juventudes nas Cidades no Distrito Federal, composta por jovens participantes e pela equipe de coordenação. O processo de escrita e produção foi democrático, horizontal e se baseou nas construções coletivas que aconteceram no decorrer do 2o ano do projeto. Luanda é a junção de características e narrativas dos participantes do projeto e foi construída coletivamente a partir da contribuição dos jovens.



# NOSSO ALICERCE É A ANCESTRALIDADE E NOSSA RESISTÊNCIA É A CULMINÂNCIA.



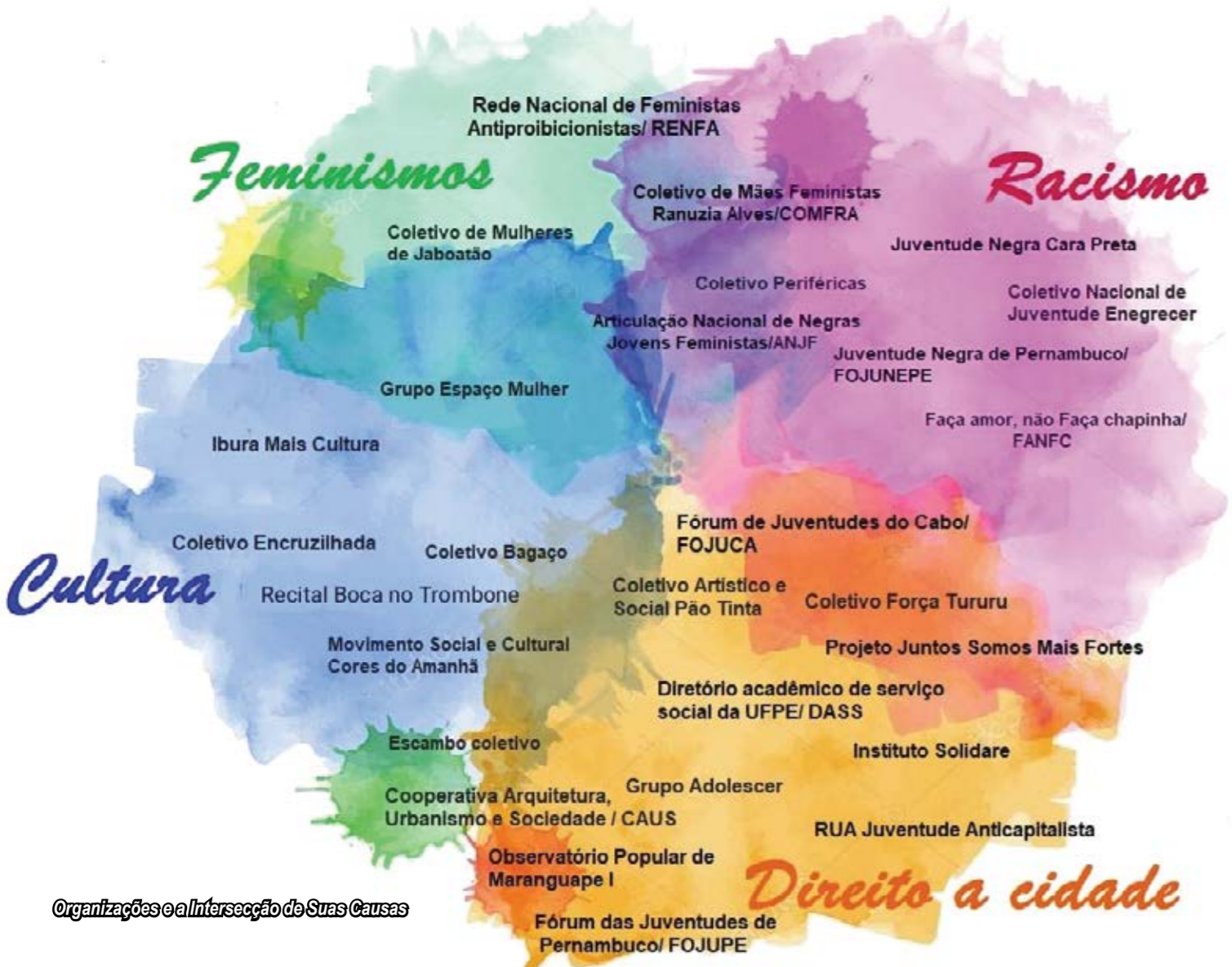
## RECIFE



### Coletivos e Grupos da Região Metropolitana de Recife

Quem somos nós? Somos a juventude pernambucana, nordestina e militante representada por 28 coletivos no projeto Juventudes nas Cidades e com atuação territorial em seis cidades da região metropolitana: Cabo, Camaragibe, Jaboatão, Olinda, Paulista e Recife. Quebrando as barreiras das fronteiras territoriais e fortalecendo um ao outro, tendo como principal instrumento de luta a "VOZ" que ecoa das periferias da Zona Norte à Zona Sul de fortalecimento, luta, intervenção, cultura e debates, tendo como foco a busca dos seus direitos. A imagem na próxima página tenta falar um pouco da nossa pluralidade de causas e nossas interações também.

Juliane Alves e Josiane Silva



# AS MÃES DO CORRE: MATERNIDADE PERIFÉRICA

Débora Aguiar e Julliane Alves

Cerca de 20% dos coletivos pernambucanos que fazem parte do projeto Juventudes nas Cidades trazem diretamente o assunto maternidade, mais especificamente a “maternidade periférica”. São coletivos com uma base de atuação em periferias pernambucanas como a de Passarinho, Jardim Piedade, Ibura, Pina entre outras que se estendem da beira mar (maré) aos morros, passando por periferias em seis cidades da região metropolitana. Cada um com sua identidade, os coletivos trazem consigo atividades parecidas, e mesmo com dinâmicas variadas, têm o mesmo intuito: o de fortalecimento e apoio às mulheres periféricas. Afinal, muitas delas, assim como as militantes, também são negras e mães solo que estão na luta diária por seus direitos às políticas públicas. Nesses coletivos, elas encontram uma rede de apoio onde todas são acolhidas com afeto e instruídas da melhor forma possível, seja participando diretamente nos coletivos ou em suas atividades, como roda de diálogos, ações dentro das comunidades, encontros mensais, chá, debate em postos de saúde, formações com parceiras e benzedeiros, ações em escolas e participação na luta democrática, por exemplo. O ponto inicial da criação da maioria dos coletivos foi a necessidade de se aquilombar, a necessidade de falar e ter fortalecimento na luta mútua, trazendo para suas periferias a construção de novas narrativas e multiplicando conhecimento como estratégia de luta.

Estamos na luta para que nossos filhos não vivam como nós vivemos, por isso todo dia é uma guerra travada. Trabalhamos como se não houvesse amanhã, nos preocupamos se vai ter almoço na mesa e se vamos conseguir pegar 2 ônibus para ir para reunião do coletivo que fazemos parte no centro da cidade. Es-

tamos no corre insano para SOBREVIVER e, mesmo sabendo da potência que somos, precisamos nos submeter a trabalhos extremamente escravagistas porque precisamos colocar alimento em nossa mesa. Nossa militância se entrelaça com nossas vidas, o que é positivo no sentido de que estamos modificando as estruturas dos nossos territórios, mas que por vivermos na linha de frente da luta, nossa vivência dentro dos espaços de militância tende a ser um ato de pura resistência. Para nós, essa resistência por vezes pode ser cansativa/adoecedora, pois somos questionadas sobre tudo e precisamos ser duas ou 1 milhão de vezes melhores em tudo. Porém, como ser tantas vezes melhor carregando uma cria nas costas e o mundo na mente?

Por isso não é à toa que vivemos tendo crises de ansiedade e nos questionando se estamos ou não enxugando gelo ou até quando vamos aguentar nos manter na luta. A sociedade finge não ver que nós mulheres negras e periféricas não fazemos a personagem “mãe imaculada”, que é colocada como parâmetro para uma mulher ser considerada boa mãe, e essa romantização existe dessa forma porque quando descobrimos a maternidade, logo nos é imposto que agora somos mães e temos que trabalhar para sustentar aquele ser, não importa como e se é sozinha. Nós precisamos aguentar tudo, pois toda a carga daquela criação que não se espera que sobreviva é nossa e toda a cobrança pelos atos recai sobre nós também. Não temos opções de pensar como será a nossa gestação e por isso é bem

“Juventude nas Cidades Afasta de mim esse Cálice! Representatividade Dos morros, dos guetos Dos mangues ao centro Quilombos sustentos a Ferro, Fogo, Força e Fé! Às seis, já de pé, venha o que vier

no corre da vez desde os 16, não pode parar. Ser sustento, se sustentar ser morada, casa, lar. Ocupar, coletivizar se integrar, sem calar!! Juventudes nas Cidades”  
Nayara Fernandes



RECIFE



comum que nós vivamos essa criação em solidão. Por isso, a favela é matriarcal e não por opção ou empoderamento, são diversas mães que criam seus filhos sozinhas ou com a ajuda de outras mulheres que também são mães solo. Como diz Racionais, na letra de Negro drama: “família brasileira, dois contra o mundo/mãe solteira de um promissor vagabundo”. Não são os nossos filhos que a sociedade espera que sobrevivam, alcancem as universidades e/ou cargos de poder, não são os filhos negros sem pai daquelas que eles chamam de “mulatas” que eles querem vivos. Estamos em 2019, 131 anos após a falsa abolição, e nós ainda não conseguimos garantir que as mulheres mães negras sejam mães de seus próprios filhos e possam ver eles crescerem. Estamos em 2019 e nós ainda estamos nas casas grandes criando os filhos das sinhás enquanto os nossos sobrevivem. Somos nós que empreendemos para sobreviver e que estamos no mercado informal de trabalho, seja fazendo sete faxinas por semana ou vendendo água no sinal. Como mãe ou mulher, ainda somos nós que estamos nas filas dos presídios e também somos nós que estamos encarceradas. O projeto Juventudes nas Cidades junto com a Fase nos potencializa ao mesmo tempo que nos acolhe. Nos sentimos parte de um todo, junto com nossas crianças, e quando estamos falando sobre maternidade periférica ser parte e se sentir acolhida com sua cria é extremamente importante para nosso processo de empoderamento e libertação de amarras. Nessa arti-

culação, nós estamos cada vez mais pautando que não há como pensar em uma cidade para a juventude sem pensar nas necessidades que nós, mulheres mães, temos. Hoje, entendemos que nossa pauta transpassa por todas as discussões e que a problemática vai muito além da nossa solidão. Nós somos as mães do corre, somos um casal de lésbicas negras que passam noites e dias trabalhando no seu bar para garantir o sustento da casa, preocupadas em como estão suas crias; somos mães que passam noites escrevendo/estudando e dias trocando fraldas; somos mães que fazem parte da cena do hip hop e que não abriram mão do seu espaço já ocupado e hoje em dia traçam guerras para conciliar seu trampo com a maternidade; somos mães solo de três crianças que aguentam todo o corre sozinhas e que ainda assim conseguem ocupar os espaços políticos com um sorriso no rosto; somos Marília<sup>1</sup> que foi arrancada de nós, vítima de um feminicídio e que deixou 2 filhos e uma mãe desolada. Somos diversas, entretanto, estamos no mesmo corre, tentando sobreviver e reescrever uma nova história para nós e nossas crias. Com o projeto, nós nos encontramos, seguimos juntas no cotidiano por entender a urgência que temos em nos aquilombarmos, pois juntas nos curamos e somos potência, estamos na luta porque a criação de nossas crianças não é um dever só nosso e das nossas, mas sim uma demanda de reparação da sociedade com nosso povo, fazendo com que nossas crias estejam vivas e sejam continuidade da nossa trajetória.

“Estamos por escolha ou impulso plantando e regando as sementes de um novo amanhã e não aceitamos menos que ser acolhidas e livres. Preparem-se, a revolução será preta e favelada, terá nome de mulher e andar (ou não) com uma criança ao seu lado.”

Débora Aguiar

1. Marília Monteiro Lopes de Araújo (27 anos) era moradora da periferia do Recife e foi integrante do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), tendo feito parte da ocupação Carolina de Jesus, localizada no bairro do Barro, em Recife, a partir do qual compôs o projeto Juventudes nas Cidades. Era um exemplo de resistência para todas e todos. Em 26 de outubro de 2018, Marília foi vítima de feminicídio, assassinada em casa pelo seu então companheiro. A luta por justiça para Marília permanece! <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/05/21/indice-de-suicidio-entre-jovens-e-adolescentes-negros-cresce-e-e-45percent-maior-do-que-entre-brancos.ghtml>

# RACISMO RELIGIOSO: COMO SE O PASSADO FOSSE AGORA

Maria Janielly

Quando se fala de racismo religioso, minha mente traz um monte de lembranças tristes. Só quem é de axé sabe o que é estar de preceito na rua e cruzar com um fundamentalista religioso no caminho. Mas antes de falar das minhas experiências, vou falar das vivências dos nossos ancestrais. Imagine ser sequestrado, ser tirado da sua família, da sua aldeia, das suas memórias afetivas e colocado num navio, um navio com mais de 1000 pessoas sendo tratadas como qualquer coisa. E não esqueça das correntes e das torturas. Agora imagine chegando numa terra que não é sua, com uma linguagem que também não é sua, sem alimentação, sem um lugar para chorar. Eu sei que a gente foi para bem longe, mas para falar de qualquer coisa que seja o racismo precisamos lembrar de tudo. Imagine querer fazer suas preces e ser proibido. O cristianismo, por sua concepção dominante, ao longo da história procurou associar outras religiões como sendo “do demônio”. No Brasil, os negros que fossem encontrados praticando qualquer ritual que não remetesse aos cristãos eram punidos, chegando até a serem jogados na fogueira. Agora imagine ser obrigado a rezar terço, ler bíblia, olhar santos de outra religião e fazer daquilo sua fé, mesmo que não fosse. A catequese foi obrigatória, mesmo que se propagasse que os negros não tinham alma, nem salvação. Muito contraditório, já que os negros eram proibidos até de entrar nas igrejas. Lembrando que isso aconteceu há mais de 300 anos e recordar isso tudo é como se o passado fosse agora. Estamos em 2019 e a cena só se repete. Só nesse primeiro bimestre, os casos de racismo religioso no Brasil subiram mais de 57%. Precisamos deixar bem escuro que isso não é apenas intolerância religiosa: são religiões de matriz africana que sofrem com esses ataques. O candomblé, a umbanda e a jurema são exemplos de religiões que estão sendo os alvos. SER NEGRO, SER DE NEGRO, REMETER A NEGRO sempre causa isso. Poderíamos passar horas conversando sobre como tudo que é de negro é demonizado, horas falando de como tudo é velado, de como a escravidão existe até hoje.

Só de imaginar o que minhas ancestrais passaram

para que hoje eu pudesse estar escrevendo isso, meus olhos marejam. Dói saber que se hoje eu tivesse a oportunidade de encontrar com elas no Orum, eu não teria muitas novidades de avanços por aqui. As cicatrizes abertas nesses séculos de opressão ainda não se fecharam. Não fomos reconhecidas, continuamos sendo os alvos — antes eram chicotadas, hoje, balas. Nossos corpos não vão mais para fogueira, mas o Exército de Cristo invade nossos terreiros e o nosso sagrado, continuamos sendo demonizados (lembrando que na nossa religião o demônio nem existe), o capitão do mato, hoje, leva nossos atabaques afirmando que estamos desobedecendo a lei do silêncio.

Eu poderia citar cada uma das leis que foram estabelecidas para extinção do racismo, para a laicidade do nosso país, para o direito de exercer o ensino superior, para não sermos assassinados a cada 23 minutos num país onde 55% da sua população é negra. A higienização nazista continua.

Imagina: sexta-feira, de branco, torço, volta no pescoço, menina de 1 ano e 8 meses no braço, a polícia te para. Daquele jeito bem delicado. Baculeja tu e tua filha e ainda diz que você vai queimar no fogo do inferno, que só Jesus salva!

Eu poderia falar de todas as leis que me cobriam naquele momento, poderia ir na corregedoria, poderia prestar queixa contra racismo, violação de menor. Eu poderia, eu sei, mas o racismo nos cala, ele atinge o que mais usamos, e a única coisa que nos sobra se formos lembrar de todas as nossas histórias são nossas preces, músicas. A nossa religião que precisa da nossa voz pra tudo.

O racismo invade tudo que é nosso, invade nossa alma, nossa autoestima, invade nossa fé a ponto de duvidarmos de nossa capacidade. Minha ancestralidade é o que me dá força hoje, a mim e a quem é de axé.

RECIFE



Poder ouvir o som do atabaque, poder sentir Oxum, poder falar que sou candomblecista, mesmo que isso cause olhares, desemprego, perda de amizades e todo o resto, é o que me faz estar aqui. Quando nascemos pretas, passamos a vida tentando nos encaixar e sermos aceitas, passamos anos tentando acreditar que somos cristãs também para não sermos vistas como do demônio por ser de axé (ainda existem pessoas de religião de matriz africana que também tem o seguimento católico), passamos anos sendo a mucama da amiga branca chata para sermos aceitas em lugares

que nunca caberia um negro.

O racismo aniquila nossa existência, sempre. Precisamos nos fazer presentes, de voz, corpo e alma, é necessário deixarmos escuro o que somos e como queremos, dizer ao universo que somos de axé, que somos candomblecistas, que somos umbandistas, que somos juremeiros, que Exu é o nosso mensageiro.

É de extrema importância retornar ao quilombo, não para ficarmos escondidos, mas para que possamos buscar estratégias para resgatar os nossos.

# GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA

Suzana Santos

Para abordarmos o tema em questão numa perspectiva racial é fundamental entendermos o que é genocídio. O objetivo aqui é analisar, mesmo que brevemente, se o alarmante aumento nos números de homicídios da nossa juventude, tido por alguns como extermínios, configura um genocídio. Em poucas palavras, o genocídio tem sua origem na junção do termo grego *genos* – tribo, raça; com *cide* – em latim: matar. Caracteriza-se pelo extermínio de pessoas motivado por diferenças religiosas, nacionais, raciais, étnicas e, por vezes, sociopolíticas, e este tem como finalidade a eliminação de todos os indivíduos que integram determinado grupo. A palavra, no significado atual, foi utilizada pela primeira vez em 1944 por Raphael Lemkin, um jurista polonês, que buscou formular leis que caracterizassem esse ato como crime. Lemkin foi um notável participante da Convenção da ONU (Organização das Nações Unidas) para a Prevenção e Punição do Crime de Genocídio, realizada em 1948, a fim de reunir a comunidade internacional para dar resposta aos bárbaros acontecimentos que levaram à segunda guerra mundial, perpetrados pelo nazismo, onde estima-se que mais de seis milhões de pessoas dentre elas judeus, homossexuais, ciganos, negros, “comunistas” e eslavos tenham sido sistematicamente assassinados em campos de concentração.

Como resultado da convenção, em assembleia em 09 de dezembro de 1948, a ONU definiu como sen-

do crime de genocídio em seu 2o artigo: “Na presente Convenção, entende-se por genocídio qualquer dos seguintes atos, cometidos com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso, enquanto tal: (a) assassinato de membros do grupo; (b) dano grave à integridade física ou mental de membros do grupo; (c) sujeição intencional do grupo a condições de vida pensadas para provocar sua destruição física total ou parcial; (d) medidas destinadas a impedir os nascimentos no seio do grupo; (e) transferência à força de crianças do grupo para outro grupo”. Embora seja uma importante resposta às atrocidades cometidas pelo regime nazista, sua eficácia é alvo de muitas críticas pelo fato de atuar no sentido da punição e existirem poucos mecanismos de prevenção. Até aí tudo bem? Tão conseguindo “catar”? Então vamos continuar.

Agora que já conhecemos o conceito de genocídio, que surgiu de fatos que aterrorizaram o mundo, vamos nos ater um pouco ao contexto histórico da construção da sociedade brasileira. Aqui, o Estado foi fundamental na implementação do que chamamos de racismo estrutural, aquele que se expressa nas esferas de poder limitando a ascensão não só social, sobretudo política da população negra brasileira. Podemos iniciar tratando da tentativa de redução da humanidade desses sujeitos a partir da consolidação das Leis Civis de 1858, onde a pessoa negra não era considerada humana, e sim como um acessório semi-movente que pertenceria à casa, podendo até ser hipotecado.

De acordo com Abdias do Nascimento, a América Latina se formou em um sistema de dominação étnico-racial e socioeconômico específico, baseado precisamente na “mestiçagem programada” entre raças e etnias situadas em posições fixas de inferioridade e de superioridade, que faz com que as elites mantenham a dominação étnica ou racial sobre população negra em todo o período de colonização se estendendo até a contemporaneidade. Assim, o racismo foi e tem sido fator determinante no acesso a direitos como saúde, moradia, alimentação, educação, e que expressa uma forma de morte que não é física, mas que é uma espécie de óbito civil, que tem no encarceramento em massa uma de suas formas mais radicais.

Não é à toa, que mesmo no pós-abolição, como em 1890, a “Lei dos Vadios e Capoeiras” tenha sido criada para prender pessoas negras que estivessem “vagando” em busca de trabalho livre, fortalecendo a estratégia histórica de perseguição e encarceramento em massa da população negra, o que consideramos hoje como um novo formato de extermínio. E como se não bastasse, em 1941 a Lei 3.688 ajuda a criminalizar a capoeira, se estendendo até 1975, e atrelado a isso se tem as perseguições à religião de matriz africana. Em 1937, a Frente Negra Brasileira, organização que lutava pelos direitos da população negra no país, é extinta e passa a atuar de forma clandestina no Brasil e, embora em 1950 o/a negro/a não pudesse ter terras, mesmo os/as já “libertas/os”, a Lei 9.081/1911 cria um enorme pacote de cotas para pessoas brancas brasileiras que vai desde o acesso a medicamentos, escolas, passagens, até distribuição de terras. Em 1968, a Lei do Boi garantiu privilégios para as pessoas que fossem filhas de donos de terras assegurando que tivessem acesso a 50% das vagas nas universidades públicas do país, só vindo a ser desconsiderada em 1985. Um espanto, não é mesmo? Mas sim, já havia cotas nessa época, o que nos leva a refletir sobre o real motivo de tantas contestações em relação às cotas raciais implementadas somente em 2012.

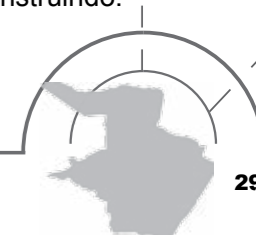
A concessão para o exercício da luta pela garantia de direitos era e continua sendo bem seletiva, concordam? E em 1988, com a atual constituição, em 488 anos de história, o Brasil vem a reconhecer o racismo enquanto crime, mas só vem a oficializar políticas de reparação referente à população negra em 2001, no congresso internacional de Durban, e em 2003 estabelece a Lei 10.639, que inclui a história e a cultura afro-brasileira e indígena no currículo escolar.

Como se pode constatar no primeiro Mapa da Violência, divulgado em 1998, a principal vítima da violência homicida no Brasil foi a juventude e isso se consolida até os dias atuais. Na faixa de 15 a 29 anos de idade, o crescimento da letalidade violenta é bem mais intenso que no resto da população. Já no período de

dez anos, entre 2006 e 2016, o aumento registrado foi de 23,3%. Em 2016, de acordo com os dados apontados pelo Atlas da Violência 2018, houve um aumento de 7,4% em relação a 2015 no número de jovens mortos de forma violenta. O número de mortes violentas é também um retrato da desigualdade racial no país, onde 71,5% das pessoas assassinadas são negras ou pardas, com baixa escolaridade e não possuem o ensino fundamental concluído. Se no ano de 2003 foram cometidos 13.224 homicídios por arma de fogo na população branca, em 2014 esse número desce para 9.766, o que representa uma queda de 26,1%, mas, em contrapartida, o número de vítimas negras passa de 20.291 para 29.813, aumento de 46,9%. Fato significativo é que a maior parte do Nordeste apresenta elevados índices de crescimento e, em situação diametralmente oposta, na região Sudeste a violência armada mostra fortes sinais de regressão. O Brasil é um país racista e genocida! As leis que foram e são impetradas aqui, como o auto de resistência, são mais do que provas expressas dessa afirmação. O que estamos tratando aqui é sobre um projeto, porque a ideia de estado de direito nunca nos trouxe o conforto de obter algo que, na teoria, nos devia pertencer.

Hoje, no Recife, temos buscado enfrentar essa realidade com parcerias entre movimentos, com mecanismos para denúncias e de estímulo à participação social, visando o enfrentamento às violações de direitos. É a partir da atuação de organizações como Coletivo de Juventude Negra Cara Preta, Faça Amor Não Faça Chapinha, Coletivo Encruzilhada, Coletivo Bagaço, Coletivo de Mães Feministas Ranússia Alves, Rede de Feministas Antiproibicionistas, Recital Boca no Trombone, Coletivo Enegrecer, Coletivo Periféricas, Coletivo Ibura Mais Cultura, e Grupo Espaço Mulher, que é possível projetar um novo modelo de sociedade. Muitas delas, potencializadas pelo projeto Juventudes nas Cidades, realizada com a parceria local da FASE-PE. São esses novos atores que constantemente ultrapassam barreiras impostas pela institucionalidade para atuarem nas periferias, através da educação popular, estreitando laços largamente necessários entre os sujeitos pertencentes a comunidades históricas e socialmente marginalizadas e o acesso ao conhecimento. E é de modo a legitimar novas narrativas, que se dão essas ações, na perspectiva de contribuir para a conscientização política, oportunizando a estes e estas demandarem do poder público o atendimento de suas necessidades enquanto cidadão. No final, percebemos que não é tão difícil compreender os motivos pelos quais o Estado se mostra tão limitado quanto às problemáticas que assolam 53% da população brasileira, e tão efetivo ao silenciar os formatos de organização da periferia. São respostas e soluções que eles não querem nos dar, mas que a juventude periférica está construindo.

RECIFE



# RACISMO INSTITUCIONAL / EDUCAÇÃO

Leticia Carvalho (Faça amor, não faça chapinha) e Rayanna Maria

Todo mundo já usou em algum momento o termo “sem educação” para falar sobre alguém que considera ter um mal comportamento. Depois de tanto se falar da importância da educação, há um entendimento de que ela é capaz de salvar, de libertar, de nos tornar seres humanos melhores para viver em grupo, respeitando e sendo gentis uns com os outros. Acontece que existem muitas formas de educação e ela pode ser usada tanto para libertar quanto para aprisionar um povo. Podemos ser educados a não conseguir lidar com o outro e com nós mesmos, a nos prendermos a regras que nos oprimem, a permanecer em um ciclo ruim para nós. Além do ambiente escolar, também se educa nos espaços religiosos, nas casas, nas ruas, nas mídias em geral, na escolha das falas, nos silêncios, na forma e nos ambientes que nos posicionamos para ouvir essas falas.

Existem muitos tipos de metodologias de ensino, cada um com uma finalidade e um entendimento diferente de como alcançar seus objetivos. A forma que as informações são passadas tem uma influência enorme sobre como vamos absolvê-las. Um exemplo é o quanto sentarmos em roda nos faz olhar uns para os outros e ter uma noção de grupo nos estimula a interagir com bem mais do que quando sentamos enfileirados numa sala, como se só existisse a nossa individualidade e o ponto de vista do professor sobre o assunto. Se o objetivo é formar mão de obra barata, não é útil passar conteúdos que estimulem as pessoas a questionarem péssimas condições de trabalho e se organizarem. É muito mais conveniente acostumá-las com o ritmo pesado de uma fábrica, com metas, horários, disputas e até mesmo o alarme que marca o fim do expediente, além de passar apenas as informações que serão úteis para executar uma tarefa, sem que se ampliem visões de mundo.

A informação educa e a falta dela também. Precisamos pensar quais informações são incluídas e excluídas na educação que acessamos e porquê. Por que conhecemos tanto da história de países europeus nas

escolas e tão pouco sobre a história do nosso bairro? Por que as novelas sempre contam a história da escravidão do ponto de vista da Casa Grande, das sinhás e senhores de engenho, mas nunca das pessoas negras que estavam ali, para que possamos compreender e simpatizar mais com o lado que conta a história, por mais que seja absurdo? Nessa mesma lógica, de qual ponto de vista é contada, por exemplo, a história do nosso país para nós nas escolas?

Do ponto de vista dos indígenas que estavam nessa terra antes dela ser chamada de Brasil, poderíamos dizer que a terra foi invadida. Do ponto de vista das pessoas negras que foram sequestradas da África para cá, podemos demarcar que o início da história da relação do povo que aqui vive com este país foi o momento do sequestro. No entanto, a história que nos é contada nas escolas é a do “descobrimento do Brasil”. Do ponto de vista daqueles que saíram da Europa para “descobrir” algo, para invadir algo. Das mesmas pessoas que quando chegaram aqui entenderam que os indígenas habitavam como animais que deveriam ser deslocados de suas terras e entenderam as pessoas africanas como ferramentas de trabalho desumanizadas. Continuamos até hoje a história desse ponto de vista, e não por coincidência essa é ainda a forma que a população negra e indígena é vista na sociedade que vivemos.

Nossa história é contada a partir do contato com o branco, enquanto a do negro é contada desde sempre. Enquanto temos tantos filmes e livros sobre mitologia grega, pouco se sabe da mitologia egípcia (ou de outros países africanos ou da afro-brasileira), por exemplo, que influenciou muito na construção da Grécia como civilização. Hoje temos registros mostrando que a filosofia, medicina, agricultura, escrita, tiveram origem no Egito (África) e foram absorvidos pelo povo grego (Europa), porém, essa origem não é reconhecida. Muitas vezes nem a negritude do povo egípcio é reconhecida, tampouco o fato de o Egito ser um país africano. Reforçando isso, temos novelas e filmes que

se passam na região e não há sequer um ator negro no elenco.

Como é possível um povo que tem sua história contada do ponto de vista de seus torturadores, que desconhece sua história ou é bombardeado todos os dias por referências negativas dos seus semelhantes e ancestrais, constrói autoestima? Como disse Robin Batista, do Instituto Guerrilha, “não dá para enfrentar o racismo quando você se odeia”. Sendo assim, a autoestima é muito importante para que as pessoas se identifiquem enquanto grupo, se unam e se orgulhem pela existência desse grupo. Quem lutaria contra a existência de um povo que odeia? Uma educação que tem como objetivo a desmobilização de um grupo, que desvaloriza valores que contribuem para a autoestima do grupo, e um sistema que se beneficia com essa desvalorização agirá para que esse grupo não acesse esses valores. É por esse e outros motivos que dizemos que o racismo presente nas escolas é institucionalizado e a própria instituição garante que o racismo permaneça naquele ambiente.

Para que a educação seja libertadora, é necessário que ela rompa com esse sistema, que se critique para que as pessoas construam sua autoestima coletiva, que entendam quem são, de onde vieram e o que representam dentro do grupo que fazem parte, para que se sintam encorajados a mobilizar junto a esse grupo e o valorizem. O movimento negro dentro da educação é, portanto, extremamente necessária para que a escola seja construída de uma forma positiva para nós, não apenas para aqueles que têm cabelos, cores, narizes e bocas. Que entenda e valorize nossa estética como parte da nossa identidade e nossa identidade como parte essencial na construção de quem somos e como nos colocamos em relação ao mundo que reconhecemos também a contribuição do movimento negro na construção do que temos.

## PEDAGOGIA DA OPRESSÃO

O sentimento que rodeia os jovens negros em relação aos espaços de educação é de pertencimento e exclusão. Lutamos para acessar esses espaços e, quando sentimos a negação da nossa existência e de nossos saberes, percebemos o quanto a academia é violenta e devemos saber disso.

A opressão começa bem cedo no âmbito educacional, pela falta de creches e pré-escolas que atendam as mães (que são em sua maioria mães solo), reforçando os lugares de vulnerabilidade social nos quais

nos colocam. Já nas séries iniciais, o pouco acolhimento no ambiente escolar, a difícil presença dos pais (em sua maioria, as mães solo que se dividem na dupla ou tripla jornada), a falta de preparo por parte dos professores e os problemas sociais que os rodeiam, faz com que a falta de dignidade oferecida a nós cause repúdio em frequentar esses espaços. Não conseguimos ver esse espaço como um espaço de acolhimento e que nos compreenda.





## “ O QUE NINGUÉM VER

Pobres  
Negros  
Abusos...  
CARLA que cria 6 filhos sozinha.  
PÂMELA que levanta às 03:00 para trabalhar varrendo o chão.  
JÉSSICA que mora em cima do esgoto.  
ERICA que mora em casa de madeira  
MAÍSA que sofre assédio sexual pelo padrasto.  
RAISSA que parou de estudar para trabalhar  
LETÍCIA que cansou de passar fome, foi trabalhar no tráfico  
SANDRA que cuida de 15 irmãos para a mãe ir trabalhar.  
PRISCILA que sonha com a faculdade, mas trabalha mais de 14 horas por dia  
FRANCISCA que tem que catar lixo com sua família, para sobreviver  
IVA com 13 anos já é casada, tem filho e apanha do marido.  
TAINÁ que é humilhada por ser gorda  
ELISÂNGELA que tenta se matar, pois a TV diz que sua beleza não é padrão.  
NATHÁLIA que sofre racismo  
LAIS que é deficiente, tem que subir todos os dias a ladeira de sua casa.  
PAULA que faz programa à noite, para sustentar seus filhos.  
SARA que sonha em construir sua casinha, mas ganha pouco, e a conta de luz aumentou mais uma vez!  
RUTI que trabalha de ajudante de pedreiro.  
RAIANE que vende doces no metro para sobreviver.  
Ninguém VER  
Ninguém ESCUTA  
Tão pouco AJUDA  
Essa é a realidade da favela  
Muitas outras coisas acontecem  
Mas: Ricos, poderosos não querem ver, podia ajudar, mas preferem correr.  
Já pode tirar o tampão,  
Começou a revolução.  
Vocês nos chamam de “Pobres revoltados”

Mas preferimos REVOLUCIONÁRIOS  
A TV não nos influencia mais!  
Vamos para rua com bandeiras  
Pandeiro na mão, fazendo um barulhão  
Gritando:  
Não aceitamos mais descaso!  
Não aceitamos ser esquecidos  
Queremos ser vistos, ouvidos.  
Até quando vai essa palhaçada que pobre merece viver na desgraça?  
Até quando vai esse descaso que merecemos viver com centavos?  
Meu barraco tem que inunda, até as eleições chegar?  
Diz que investe na educação  
Mas está derrubando as escolas com seu caminhão.  
Rouba na merenda  
Rouba na educação  
Ainda diz que somos os ladrão!  
Até quando vocês poderosos vão nos roubar?  
Que papelão!  
Roubar pobre e ainda sair como bonzão  
Nos chamam de trabalhador  
Trabalho + DOR  
que horror!  
Já chamaram os homens de farda  
Para nos impedir de falar  
Que pobre não queremos ser,  
Pois vocês só sabem nos fuder!  
Mas chega  
Somos forte como os panteras negras  
Com Dandara correndo na veia.  
Prazer, somos a revolução  
O velho quilombo,  
O povo esquecido.  
Fim da linha  
O povo acordou  
O jogo virou!  
Já pensou vocês, viver sem:  
Maltratar, ferir, humilhar espancar o trabalhador?  
Isso mesmo, seu pesadelo começou”  
-Joy Thamires- poetisa marginal

# IMPRESSIONANTES ESCULTURAS DE LAMA: DIREITO À CIDADE E MOBILIDADE URBANA

Stilo Santos

Rodeada por águas e pensada de costas para os mangues, a capital pernambucana é um grande exemplo da negação do Direito à Cidade. Com um planejamento pautado pela verticalização da cidade e higienização de espaços, o m<sup>2</sup> médio está avaliado em R\$ 5.918, enquanto se lida com uma disparidade social expressa no déficit habitacional de 60 mil famílias que vivem em condições sub-humanas em locais insalubres, de favor ou sacrificando seu salário em aluguéis altíssimos. Os donos dos meios de produção, apoiados pelo Estado, insistem em ditar o processo de desenvolvimento nos moldes de uma cidade pensada por poucos e para poucos.

As políticas públicas implantadas desconsideram formas de bem viver, a exemplo da agroecologia urbana, que proporciona uma maior segurança alimentar, bem como proposições no que tocam a melhoria da mobilidade da cidade, como por exemplo, os transportes fluviais seguem atropelando leis como o Prezeis, plano que regulamenta as Zonas Especiais de Interesse Social e que garante mecanismos de proteção as áreas historicamente pautadas por lutas pela moradia digna. Não dialogam nem potencializam comunidades tradicionais pesqueiras, que movem toda uma importante economia e garante o sustento de milhares de famílias.

A especulação imobiliária, por sua vez, ataca essas comunidades construindo empreendimentos com várias irregularidades ambientais com o pretexto da geração de empregos e renda. E mesmo com pressão popular e acionamento do Ministério Público para estarem em diálogo com as comunidades, prosseguem sendo abusivos e negligentes às demandas dos moradores. Deste modo, atropelam de forma gigante a

“Recife cidade do manguê, incrustada na lama dos manguezais, onde estão os homens carangueiros, minha corda costuma sair de andada, no meio da rua, em cima das pontes...”  
(Rios Mangues e Overdrives, do artista pernambucano Chico Science).

memória de pertencimento das favelas, que há muitos anos ocupam, organizam e dão a verdadeira função social a estes espaços. E no centro dessa disputa, estão os mangues e as áreas de proteção ambiental que permanentemente são fissurados e/ou destruídos sem nenhuma reparação ou tentativa de preservação.

Na contramão de tudo isso, vários coletivos se organizam para pautar a defesa desse e de outros direitos, dentre eles o Coletivo Artístico e Social Pão e Tinta, que se utiliza de várias linguagens das artes para comunicar e revitalizar espaços da comunidade. Em setembro, acontece o Encontro Internacional de Artes Pão e Tinta, na perspectiva de intercâmbio entre as artes de inúmeros lugares do mundo, visionando ainda trocas de vivências e impulsionamento do comércio popular local. O Coletivo Pão e Tinta é “cria” do bairro e vem lutando para derrubar a narrativa de que a Comunidade do Bode é perigosa, trazendo elementos das artes para auxiliar na promoção da transformação social e do empoderamento dos moradores para que se reconheçam enquanto detentores do direito de permanecer em seus territórios. Há oito anos, o coletivo organiza um encontro de artes que sempre traz em seus temas pautas políticas latentes: no ano de 2014, com o tema “A Lata Do Mundo é Nossa” trouxe a discussão da Copa do Mundo no Brasil; em 2015 o tema “As Margens” trouxe a reflexão das comunidades ribeirinhas e dos sujeitos e sujeitas marginalizadas(os) da sociedade; em 2016 o tema “Onde Os Urubus Têm Asas” trouxe

RECIFE



para o debate o tema da especulação e assédio das grandes empreiteiras no bairro; em 2017 “Apartheid”, e em 2018 “Jamais Amordaçarás”, ambos no sentido de comunicar a realidade de uma guerra velada contra a juventude negra e periférica e expressos pela disputa dos territórios e na guerra.

A forte repressão advinda do braço armado do Estado se expressam em perseguições aos movimentos sociais urbanos criminalizando-os por suas lutas, a exemplos do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio Informal e do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, que atuam na luta pelo direito ao trabalho, à moradia e à cidade, sempre na perspectiva da garantia de direitos. A atual conjuntura deixa bem explícito que o poder público continua a tratar a cidade como um grande campo de trocas que beneficiam empresários e moldam a capital de modo a não contemplar as multiplicidades que a permeiam sem se preocupar em fazer

o debate de gênero, raça ou mesmo de classe.

É a partir de metodologias pensadas para sobrevivência e disputa de cada espaço que utilizamos as artes como nossas ferramentas pedagógicas e de luta que mobilizam e empoderam nosso povo, com a ideia de que a urbanização, mobilidade e gestão de uma cidade se constituem a partir de uma escuta ativa e plural dos mais diversos segmentos. O Pão e Tinta, aliado da Frente de Resistência Urbana, vem lutando por outra forma de pensar o espaço urbano, bem diferente da feita na construção do atual Plano Diretor da Cidade do Recife, que atropelou todos os processos coletivos, deixando de fora atrizes e atores que representam a sociedade civil. Sendo assim, este coletivo, a Articulação Recife de Luta e uma rede seguirão discutindo e fazendo um Recife Popular acontecer, incluindo diversos segmentos negligenciados há anos por essa velha estrutura, contemplando assim as diversas pautas.

## CIDADE SEGREGADA

Beatriz Mendonça

● Município do Cabo de Santo Agostinho está vivendo nos últimos sete anos as consequências de modelo de crescimento econômico, com a instalação do Complexo Industrial e Portuário de Suape (CIPS). O aporte de grandes empreendimentos, a exemplo do Estaleiro Atlântico Sul e a Refinaria Abreu e Lima, possibilitou a instalação de um imenso parque industrial e a expansão de investimentos em infraestrutura como construção de estradas, viadutos e barragens. Em nível local, do ponto de vista socioeconômico, os impactos negativos trazidos pelas grandes obras do CIPS são percebidos pelo aumento da violência, que tem vitimado mulheres e jovens (sobretudo negros), com os crimes de abuso e exploração sexual, estupro, aliciamento para o consumo e tráfico de drogas, resultando em graves consequências, tais como: gravidez indesejada na adolescência, evasão escolar, aumento de assaltos, latrocínios e extermínio de jovens, sobretudo os negros das áreas periféricas.

Lamentavelmente, nos anos de 2014 e 2017 o Projeto Desenvolvimento da Democracia Participativa por meio da especialização das Políticas Públicas de Juventude e dos Mecanismos de Participação Popu-

lar, elaborado pela Secretária-Geral da Presidência da República e a UNESCO, publicou suas pesquisas, onde a cidade de Cabo de Santo Agostinho saiu em primeiro lugar nos dois anos como o município com maior índice de vulnerabilidade juvenil. A pesquisa indica que há uma forte relação entre vulnerabilidade e território.

Esta realidade de violência e desigualdade está no cotidiano das comunidades com as quais trabalhamos e interagimos com a juventude. É bastante emblemático e preocupante o fato de que cada jovem que participa do Fórum das Juventudes do Cabo – FOJUCA tenha sofrido violência, a exemplo das abordagens policiais, ou conheça outros que sofreram algum tipo de violência, que foram assassinadas ou estão em risco. E o mais grave tem sido o descaso do Estado, que não investe em políticas para as juventudes.

Neste contexto, o FOJUCA surge com o intuito de articular as juventudes do município para incidir politicamente através das ações realizadas, tais como os atos públicos (contra o aumento da passagem de ônibus e dos salários do executivo e legislativo), monitoramento das plenárias na Câmara Municipal do Cabo de Santo Agostinho, formações políticas pedagógicas, etc. Uma das ações que desenvolvemos é o FOJUCA FEST, que tem como proposta potencializar as ações, para fortalecer o movimento juvenil do Cabo no campo político, para defesa e conquista de direitos. Em 2016, mobilizou-se uma grande caminhada com o objetivo de chamar atenção das autoridades locais e da sociedade em geral sobre o extermínio da

juventude negra, especialmente em nossa região/município pela sua colocação no Mapa da violência da UNESCO.

Também realizamos e comandamos mensalmente o programa Juventude Antenada, na rádio comunitária Calheta FM, 98,5, e com transmissão ao vivo pela página do FOJUCA no Facebook. O programa de rádio feito por jovens para juventude trata de temas ligados à conjuntura e sua implicação para juventude. É também um espaço de denúncia e incidência sobre a política municipal para juventude no Cabo, chegando a influenciar a revisão do processo de escolha do Conselho Municipal da Juventude - CONJUV, tornando-o mais democrático e transparente na escolha dos conselheiros/as da sociedade civil, garantido a representação da diversidade da juventude e seus segmentos, entre eles, o FOJUCA.

Outra ação é a campanha FOJUCA TÁ DE OLHO, que tem denunciado o descaso do poder público com as ações voltadas para as juventudes, principalmente na área de cultura, lazer e esportes, denunciando nas redes sociais o abandono do Teatro Municipal e do Parque da Juventude que estão fechados por falta de manutenção. Temos como objetivo desenvolver um processo de mobilização e fortalecimento das juventudes para incidência política e exercício da cidadania, visando envolvê-la na construção e execução de uma agenda positiva para enfrentamento às violações de direitos humanos das juventudes. Incentivar a participação dos/as jovens nos espaços de controle social e nos meios de comunicação, exigindo dos poderes públicos a realização de políticas públicas que garantam os direitos fundamentais, oferecendo aos jovens oportunidades de ampliar sua capacidade intelectual, cultural e artística, revelando suas habilidades de forma proativa e segura.



RECIFE

# DANÇA, MÚSICA E GRAFITE COMO INSTRUMENTO DE LUTA

Alberto Pires e Laryssa Falcão

Diante do contexto histórico que estamos vivenciando, após o assassinato de Marielle Franco (vereadora do Rio de Janeiro, socióloga, feminista e defensora dos direitos humanos), de um processo eleitoral desgastante, baseado na promulgação das fake news (notícias falsas) e do avanço do conservadorismo; é importante refletir o quanto esse movimento de perdas de direitos, ameaças das políticas públicas, de pessoas militantes, pretas e periféricas, nos atingem diretamente enquanto coletivos, movimentos, organizações e ativistas; mas como também nos impulsiona a convergir de forma estratégica utilizando a cultura (dança, música e o grafite) como instrumento de resistência.

Segundo os dados do Atlas da Violência 2019, Pernambuco teve um aumento de 21,0% na taxa de homicídios em 2017, algo já iniciado em 2014 com o crescimento da violência. Somos o terceiro estado em que os jovens são as maiores vítimas de homicídios, com uma taxa por 100 mil habitantes de 133,0%, enquanto a taxa do Brasil fica em torno de 69,9% (3ª pior taxa, ficando atrás do Rio Grande do Norte e Ceará). Também ficamos como o terceiro Estado com maior taxa de homicídios de jovens do sexo masculino: 255,4 por 100 mil habitantes. Das 5.419 pessoas assassinadas em Pernambuco em 2017, 3.167 tinham entre 15 a 29 anos, desses 3.030 eram jovens negros. Pernambuco é o 12º estado com maior taxa de mortes de mulheres — 310 mulheres foram assassinadas em Pernambuco em 2017, o que significa 6,3 por 100 mil habitantes, que é um crescimento de 43,5% de 2012 a 2017. Das 310 mulheres assassinadas em Pernambuco no ano de 2017, 257 eram mulheres negras (leiam: de 310, 50 não eram negras e 3 não há informação).

Diante desses dados apresentados e com a necessidade de mudar essas históricas desigualdades vivenciadas pelo povo preto, pobre e periférico, que o Movimento Social e Cultural Cores do Amanhã surgiu, no bairro do Totó, ao lado do Complexo Prisional Frei Damião de Bozzano, fundado em março de 2009. O

Cores tem como missão oferecer cultura e cidadania para crianças, jovens e famílias em Pernambuco, utilizando as artes, os esportes, a educação social, buscando uma cultura de paz nos bairros, além de incentivar a formação cidadã e a produção cultural para a geração de renda familiar.

Tendo como metodologia elementos de discussões que gerem reflexões, debates e atividades, utilizando da ludicidade ligadas às artes e aos esportes, criando novas possibilidades e novos caminhos, para todas e todos se sentirem incluídos e com novas possibilidades para enfrentar o mercado de trabalho e suas as vivências pessoais, além de construir conhecimento sobre os direitos enquanto jovens, raça, gênero, classe, diversidade sexual, direito à cidade, à cultura... Elevando nestas atividades o trabalho em grupo, a criação dos vínculos e o fortalecimento de suas lutas pessoais e coletivas.

Todas as oficinas no Cores do Amanhã são gratuitas e citamos algumas delas:

Capoeira: dialogando sobre a resistência cultural, contribuindo com sua formação cidadã e desenvolvimento corporal e mental.

Percussão/Dança Popular: Valorizando ritmos e toques tradicionais de nossa cultura, como: maracatu, coco, ciranda, voltado também para a construção de instrumentos.

Dança: voltadas para mulheres do bairro, com foco na melhoria na saúde corporal e mental de mães de educandos e moradoras.

Break Dance: visando o diálogo com as crianças e jovens, incentivando uma cultura de paz, através do Hip Hop.

Grafite: como ferramenta de aprendizado, comunicação e geração de renda familiar, enaltecendo a cultura periférica, seus precursores e seus principais expoentes na atualidade.

Ballet: Aulas utilizando técnicas iniciais da dança clássica, trabalhos corporais e teóricos.

Proporcionar um território afetivo para a população no entorno do complexo prisional não é fácil, é uma luta diária contra o sistema patriarcal, classista, racista,

conservador e fundamentalista, mas não fugimos do nosso compromisso de oferecermos caminhos e incentivo à cultura, ao esporte e ao lazer. Aprender e ensinar de forma transversal e horizontal, através da educação popular, sobre cidadania, arte, cultura, esporte e lazer é TRANSformador. É enxergar que as vidas estigmatiza-

das podem, sim, almejar novas trajetórias. Oportunizar a reflexão crítica das crianças, adolescentes, jovens, mulheres, idosas, LGBTI permite que elas e eles sejam autônomos, protagonistas de suas próprias histórias, se emancipem e lutem pelo direito de ser quem são, com dignidade e livre de opressões.

## O RAP COMO INSTRUMENTO DE LUTA

Larissa Themonia

O movimento recital boca no trombone surgiu há 5 anos com o intuito de trazer cultura e poesia para a comunidade de Água Fria, Recife. É um movimento para dar aos jovens o poder da voz, pois em uma sociedade racista, machista e lgbtfóbica ter voz é um ato revolucionário. A todo momento, um jovem negro é silenciado nessa sociedade, calado pelo Estado e pela polícia que entra nas nossas favelas atirando e matando pessoas inocentes. No recital, a juventude denuncia essas injustiças sociais através das batalhas de conhecimento.

Nas batalhas, abordamos temas como racismo, feminismo, educação e racismo institucional, nas principais atividades, além das batalhas e os recitais também realizamos mutirões de grafite com os temas das batalhas, oficinas, apresentações dos grupos da favela e pintura dos muros. Não utilizamos estratégias,

somente nos reunimos para nos fortalecer e compartilhar com os nossos e as nossas poesias e rimas. Não temos acesso a nenhum direito, nem direito ao nosso próprio território. Antes o recital era realizado na praça do Pereirinha, mas a atividade foi interrompida pela comunidade do entorno da praça, que não enxergava as nossas rodas como cultura.

Nessa praça também sofremos racismo institucional por policiais que moravam perto do local e constantemente nos ameaçavam de morte com suas armas. Por questões de segurança, as rodas foram para o Campo do Barreirão, onde a comunidade nos abraçou e nos apoiou sem julgamentos. É lindo! Esse ano completamos 5 anos e faremos em dezembro o mutirão de aniversário.

### POESIA DE EDILSON \$PG\$

“As ruas são de barro, os barracos amontoados, o esgoto a céu aberto, esse é o meu pedaço. Vou conquistando meu espaço, na minha classe sou avançado, vou respeitando os parceiros e os meus aliados que são o meu espelho e estão sempre ao meu lado.

E na favela não tem só ladrão nem tudo que é ruim sai dela não, mas infelizmente essa é a visão que nos impõem enganando a nação.

Respeito, paz e amor é o que a gente sempre, sempre cobizou, e mesmo sendo o contrário, um dia desejado um dia é conquistado.

O mundo tá mudado, a violência em estado crítico é muito deplorável e os covardes que vêm fardados nem fazem investigação e já acham um culpado.

E talvez esse seja o problema, engravatados e fardados esses caras me dão pena, porque pra eles é bem mais fácil por a culpa no inocente do que sair culpado.

Um brinde à favela, agradeço sempre a ela a escola de verdade que não recebeu verba dos covardes “.

# Rio de JANEIRO

## JUVENTUDE CARIOCA - MOVIMENTANDO POR DIREITOS!



● grupo do Rio de Janeiro é composto por diversos coletivos e jovens de várias localidades. Coletivos estes que procuram melhorar em aspectos práticos a vida das juventudes nas periferias da cidade. Encontram-se nas zonas norte, sul, oeste, baía e região metropolitana.

O debate trazido por essa publicação é dialogar sobre o não acesso da juventude e a não aceitação da sociedade de como essa juventude se organiza, de maneira diversa e/ou plural ela luta por autonomia e protagonismo da mesma.

A cidade do Rio de Janeiro é muito diversa e, para perceber isso, basta andar pelas ruas do centro, pelo Parque de Madureira, Maré ou Calçadão de Campo Grande que fica explícito o quanto somos múltiplos. A juventude é a parte que mais se destaca. Andando de ônibus, bike, trem, metrô, barca ou BRT (transporte rápido por ônibus), eles estão por toda parte e querem ser ouvidos, querem que suas demandas sejam atendidas. Trabalho, faculdade, moradia digna, seja o que for, esses jovens querem ser parte de algo e também transformar. Mais do que transformar, também criar.

Desde 2013 vivemos um período politicamente conturbado, com perseguição aos grupos de esquerda, total aversão aos grupos preocupados com a garantia dos direitos humanos e ascensão rápida de um presidente que personifica todos os ideais agressivos e de opressão em sua figura. Como nós, jovens, que na atual conjuntura somos vistos como tábula rasa que são manipulados por professores “esquerdistas”, podemos nos mobilizar para ter nossas demandas pautadas e ouvidas?

O cenário é caótico, mas nem tudo está perdido. Podemos contar com grupos que se organizam e que visam discutir e pensar estratégias para reverter a situação e pensar como podemos mudar nossa realidade.

O Rio de Janeiro é um território hostil, onde operações policiais e confronto com milícias são constantes. Conviver com essas realidades muitas vezes nos deixam com uma sensação de pequenez e sem forças para continuar com nossos planos. Juntando a isso, temos mais um agravante que é a falta de trabalho formal para nos garantir direitos trabalhistas. Os jovens estão indo para o mercado informal cada vez mais cedo, largando seus estudos para ajudar na renda de casa, e são os mais afetados pelo desemprego no país. As altas taxas de desemprego afetam mais aos jovens autodeclarados negros e pardos, e ao fazermos o recorte de gênero, constatamos que as mulheres são a maioria desempregada.

O Juventudes nas Cidades - Rio de Janeiro reúne jovens de diferentes trajetórias e regiões da cidade, cada uma com suas complexidades e contradições, mas é o local por onde transitamos e construímos nossos afetos. Os coletivos traduzem bem esse perfil dos jovens com temáticas diferentes, mas com objetivos em comum, garantia de seus direitos de existir e ter sua humanidade respeitada.

Neste capítulo do Rio, encontraremos o que os coletivos estão construindo em seus territórios para mudar as estruturas opressoras, suas estratégias e conquistas na caminhada. Mas não apenas os coletivos. Uma característica marcante é o fato de que muitos jovens do grupo Juventudes nas Cidades - Rio não estão inseridos em coletivos, o que não foi motivo para ninguém ficar de fora. Outra característica é o número

elevado de mulheres que compõem o grupo. Muitos jovens também nunca tiveram acesso aos movimentos sociais e, a partir do contato com pessoas da mesma faixa etária, obtiveram experiências múltiplas na área de educação e conhecimento de direitos.

A mobilidade urbana é outra questão presente no nosso cotidiano. Passagens caras e condições de transporte deixam — e muito — a desejar. Fica nítido que a intenção é isolar as pessoas e que o Direito à Cidade está restrito ao deslocamento até o trabalho. Na correia do dia a dia, o tempo que poderia ser usado para aproveitar os espaços de cultura e lazer é desperdiçado dentro dos transportes públicos durante os engarrafamentos. Sem falar nos cortes de linhas de ônibus que constantemente ocorrem e dificultam ainda mais ainda o acesso pleno à cidade.



Reunião de preparação da atividade autogestionada

Rio de JANEIRO

# DIREITOS DAS JUVENTUDES

O Estatuto da Juventude, criado através da Lei nº 12.852<sup>1</sup>, sancionado no dia 5 de agosto de 2013, define os direitos fundamentais dos jovens brasileiros, que são:

- Direito à cidadania e à participação social e política;
- Direito à educação;
- Direito à profissionalização, ao trabalho e renda;
- Direito à diversidade e à igualdade;
- Direito à saúde;
- Direito à cultura;
- Direito à comunicação e à liberdade de expressão;
- Direito ao desporto e ao lazer;
- Direito à território e à mobilidade;
- Direito à sustentabilidade e ao meio ambiente;
- Direito à segurança;
- Acesso à Justiça.

Fonte: Governo Federal.

Com base nos dados de 2010 do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no Rio de Janeiro moram 1,5 milhões de pessoas com idades entre 15 e 29 anos, o que representa 24% dos 6,3 milhões de pessoas que residem no município. Comparando os percentuais de jovens nos bairros do Rio de Janeiro, é possível perceber uma grande quantidade localizada em Gericinó, que é o antigo Complexo Penitenciário de Bangu.

Segundo o IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, em 2018, 23% dos jovens brasileiros não estudaram e nem trabalharam formalmente, sendo uma das razões, se não a principal, a falta de políticas públicas para a juventude.

Levando em consideração a política atual dos governos Bolsonaro e Witzel, que juntos promovem um verdadeiro ataque às lutas pelos direitos assegurados pela Constituição Brasileira, como por exemplo o direito à educação e à vida, a juventude é a mais atingida

devido à falta de recursos e perspectivas para o futuro.

A juventude vem cada vez mais se expressando por meio da arte e da cultura, colocando seus anseios, denúncias, insatisfações e sonhos através da música, da dança, da rima, da poesia. Essa juventude acredita que, para ocorrer mudanças na sociedade, não precisa que mais corpos sejam tombados e que o enfrentamento, principalmente das forças policiais, não pode e nem deve acabar com vidas.

No Rio de Janeiro é possível perceber a crescente formação de grupos denominados slams, que são batalhas de poesias em que os poetas recitam ou leem versos próprios com diversos temas, indo de uma história de amor à uma denúncia de violência policial. São nesses espaços que os jovens se encontram e resistem juntos, pela sua existência, em um Estado que cada dia mata mais a juventude.



Reunião de preparação da imersão

1. Íntegra da lei: [http://www.planalto.gov.br/CCIVIL\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)



# JUVENTUDES COLETIVAS

“Na luta é que a gente se encontra”

Samba-enredo Mangueira 2019

A cidade do Rio de Janeiro é marcada pelo seu grande apartheid social, como pode-se ver bem nos cartões postais da cidade. Circulamos na cidade e, quando andamos de um bairro como Santa Cruz a outro como Botafogo, temos a sensação de estar em outro lugar. As desigualdades começam quando, por exemplo, você sobe o morro de Santa Marta, em Botafogo, e não encontra saneamento básico. Lá, as pessoas ainda não têm acesso à água potável e energia elétrica. São nessas grandes lacunas que os movimentos de favelas e periferias se organizam.

Para entender as pluralidades que compõem a cidade, conheça os coletivos que fazem parte do projeto

**Grupo ECO** — O coletivo nasceu no final da década de 1970 após a iniciativa de jovens moradores do Morro Santa Marta. O objetivo era criar um jornal que pudesse circular informações locais e de fora da favela, além de levar aos moradores informações sobre direito, promovendo um diálogo local. O jornal foi, ao longo de muitos anos, uma referência para os moradores.

No início dos anos 1980 é criada pelo Grupo a 1ª Colônia de Férias, com objetivo de levar às crianças do Santa Marta o direito ao lazer. A atividade vai completar 40 anos ininterruptos de atividades promovidas em 2020. Todo mês de janeiro, durante 15 dias, participam da atividade cerca de 250 crianças e adolescentes de 6 a 12 anos.

Desde sua criação, o grupo promove participações nos mais variados assuntos relacionados ao Santa Marta, desde mutirões de limpeza de valas, encostas, construção até a busca pela garantia de direito junto às três esferas de governo que atuam no Santa Marta (Município, Estado e Governo Federal).

O Grupo ECO é uma entidade sem fins lucrativos de caráter educacional e cultural, destinada a promover e apoiar a Favela Santa Marta em atividades e iniciativas que visem o desenvolvimento humano integral das pessoas e da comunidade, com atenção especial às crianças, adolescentes e jovens em busca da afirma-

ção da dignidade da pessoa humana; do pleno exercício da cidadania; do fortalecimento da solidariedade comunitária participativa; e de uma construção de uma sociedade justa, livre e participativa. Edson Oliveira participa do projeto enquanto Grupo ECO.

**Coletivo Piracema** — Para um jovem de Santa Cruz que tem a oportunidade de cursar uma graduação na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro), que fica no bairro da Urca, são necessárias 4h no trajeto casa - universidade. Ainda assim, são necessárias diversas baldeações para chegar ao seu local de destino. Local esse que não chega cultura, esporte, segurança e que o transporte público é muito precário. O famoso ônibus que passa de hora em hora e, quando passa, é aquele todo quebrado.

São dessas grandes necessidades que surgem coletivos como o Piracema, nascido e criado em Santa Cruz, zona oeste da cidade. Para além do último bairro da linha do trem; do pior índice de desenvolvimento humano; do descaso e abandono, Santa Cruz é resistência e diversidade. São exatamente as outras faces de Santa Cruz que o coletivo se propõe a mostrar. Na luta feminista, preta, periférica, LGBTQI, o grupo se organiza em prol de uma sociedade mais justa. Larissa França participa do projeto enquanto Coletivo Piracema.

**Juventude Agroecológica** — É um coletivo de Campo Grande, na zona oeste da cidade, onde a juventude se auto-organiza para promover eventos sobre agroecologia e juventude, intercâmbios entre as experiências agroecológicas e a formação política dos jovens pelos próprios jovens. Tem como parceira a Rede CAU (Rede Carioca de Agricultura Urbana).

A sede localiza-se num sub bairro chamado Bosque dos Caboclos, porém o território de atuação é, em especial, na região metropolitana do Rio de Janeiro (Baixada Fluminense) e na zona oeste do Rio de Janeiro, nas periferias e nas favelas.

São jovens que trazem em si os ensinamentos do campo, mas não um campo parado no tempo-espaço, e sim, um campo-campesinato herdado de suas avós, avôs e mães. A ancestralidade camponesa que se faz presente nas cidades, numa horta na laje, numa ocupação verde de um terreno baldio, num movimento de compostagem ou no reaproveitamento dos alimentos e quintais de desenvolvimento em grupo. Um campesinato vivo e ativo, igualmente como sua juventude.

A estratégia utilizada é a auto-organização, baseada nas demandas de geração de renda, mobilidade urbana e a permanência da juventude negra e periférica viva.

Dessa forma, a dinâmica da juventude agroecológica se divide entre reuniões e atividades práticas (manejo agroecológico, feiras, escola) e promoção de eventos para divulgação e fortalecimento da rede.

A transformação do território ocorre por meio do despertar do pertencimento dos jovens ao espaço ao qual fazem parte. A partir do reconhecimento do local, estes jovens podem e querem pertencer ao espaço onde estão.

Com isso, surgem outros desafios na inserção política e ativa da juventude em seus locais de moradia, lazer e vida. Na tentativa de inserção política onde as políticas públicas não chegam, os jovens se aproximam e fazem parcerias com o intuito de se fortalecerem. Milton Silva, Rafaela Silva e Gabriela Silva participam do projeto enquanto Juventude Agroecológica.

**IFHEP (Instituto de Formação Humana e Educação Popular)** — Um grupo de educadores que em 2010, também no bairro de Campo Grande, aluga um espaço para a execução de projetos voltados à educação popular.

Somos autogestionados, financiados por trabalhadoras e trabalhadores que acreditam na possibilidade

de uma mudança na comunidade por meio da educação e da atuação política. As educadoras e os educadores doam o seu tempo e trabalho, na perspectiva de construir um espaço de reflexão, transformação e construção de uma nova sociabilidade, formando múltiplos coletivos compostos pelas minorias que residem na zona oeste da cidade. Buscamos unificar nossas pautas com causas focadas na mudança de nossa região, na formação de indivíduos atuantes que percebam a necessidade de lutar por uma sociedade mais solidária e inclusiva para todos.

Ao mesmo tempo, através de uma perspectiva intercultural, o IFHEP promove o encontro das manifestações culturais desses coletivos, antes silenciados pela configuração excludente da cidade. A troca afetiva entre os grupos promove uma educação pautada no respeito e na valorização da diversidade, colaborando com o fortalecimento de ações afirmativas de combate ao racismo, ao machismo e homofobia, por meio de atividades diversas como rodas de conversa, exibição de filmes, saraus de poesia, rodas de dança e música e atos públicos.

Um problema que acomete a juventude periférica e favelada da cidade do Rio de Janeiro, assim como a de todo país, é o desemprego. Além de compor a metade dos desempregados do estado, quando conseguem emprego, esses jovens são contratados para os setores em que não há perspectivas de futuro e nem de crescimento. Analice Madeira participa do projeto enquanto IFHEP.

**Coletiva Magia Negra** — A coletiva Magia Negra nasce em 2015, a partir da vontade de jovens amigas de se manterem em movimento na luta antirracista. Junto à necessidade de sobrevivência, surge a ideia de trabalhar com elementos que fortaleçam a autoestima das mulheres negras e, a partir daí, começam a comercializar brincos afro, turbantes e cadernos artesanais com estampas étnicas em feiras livres. Um pouco depois, a coletiva adiciona o trabalho de tranças às suas ações e isso passa a ser o carro-chefe do grupo, que hoje está situado nas proximidades de Acari, uma favela da zona norte da cidade.



• Outro grande fator que atinge a juventude periférica, negra e de favela é a morte por letalidade. Segundo o Atlas da Violência de 2019, em 2017 mais de 35 mil jovens de 15 a 29 anos foram assassinados no Brasil. Das vítimas de homicídio, 75,5% eram homens negros. De acordo com uma matéria do G1 de maio de 2019<sup>2</sup>, o número de mortes por intervenção policial no RJ é o maior nos últimos 20 anos.

Na contramão disso, existem coletivos que lutam

bravamente contra essas violações de direitos humanos e no combate ao genocídio da juventude negra. Como por exemplo o Fórum Social de Manguinhos. Jhenifer Raul e Roberta Figueiredo participam do projeto enquanto Coletiva Magia Negra.

**FSM (Fórum Social de Manguinhos)** — Localizado na favela de Manguinhos, o FSM nasceu em 2007, de uma mobilização de moradores e trabalhadores por

conta da chegada do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) para discutir políticas públicas e, ao longo do tempo, foi se transformando. Com a chegada da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), passou a discutir mais segurança pública, mas sem esquecer de assuntos como saneamento básico, saúde e educação. Ao longo dos últimos anos, as mães que perderam seus filhos para a violência policial foram chegando e daí surge o movimento de Mães de Manguinhos, que luta por justiça pela morte dos seus filhos e contribui na luta contra o genocídio da população negra. Hugo Alves da Silva participa do projeto enquanto FSM.

**FJRJ (Fórum de Juventudes do Rio de Janeiro)** — É um espaço de articulação e participação de jovens, principalmente jovens negros, pobres periféricos e favelados, organizações, coletivos, redes e pessoas que lutam pela garantia dos direitos das juventudes.

Nasceu no ano de 2003 e, nesses 16 anos de luta, já participou de espaços como o Conselho Estadual de Juventude no Estado do Rio de Janeiro, o Conselho Nacional de Juventude, bem como de comissões parlamentares de juventudes e fóruns internacionais de juventudes.

Nessa trajetória, o Fórum foi um dos protagonistas na concepção e elaboração do que hoje chamamos de campo das PPJs (Políticas Públicas para as Juventudes no Brasil). Atualmente o FJRJ tem tido um posicionamento de não participação dos espaços como conselhos e conferências, por acreditar que são espaços de uma pseudo participação e que pouco ou quase nada impactam na vida dessas juventudes. Sendo assim, a prioridade é o processo de formação e mobilização da base.

Nossas bandeiras de luta são: o fim da violência contra as mulheres; o fim do genocídio da juventude negra, pobre, periférica e favelada; a desmilitarização da segurança pública; o fim da homofobia; o direito à cidade; e o direito à comunicação. O Fórum tem se empenhado em garantir tais direitos através da ocupação das ruas e conversando com a população, em especial as juventudes; realizando festivais, luaus, saraus, cursos de formação, cine debates e rodas de conversas; ações de incidência política e produzindo uma comunicação própria. Rayssa Pereira e Jhenifer Raul participam do projeto enquanto FJRJ.



Atividade Autogestionada em Acari/2018

2.GRANDIN, Felipe, RODRIGUES, Matheus. Número de mortes por intervenção policial no RJ é o maior nos últimos 20 anos; apreensão de fuzis bate recorde em 2019. Disponível em: <https://glo.bo/2JcPofs>, maio de 2019. Acessado em 04 de julho de 2019.



# JUVENTUDES AUTONOMAS

Uma característica da nossa cidade é que a maioria de nós tem se organizado autonomamente e, por isso, decidimos apresentar cada um a sua devida área de atuação. Assim como se organiza na luta contra as desigualdades.

Genice de Sousa Silva, 31 anos, faz parte do Juventudes nas Cidades desde o primeiro ano, sendo moradora de São Gonçalo, região metropolitana do Rio de Janeiro. Formada em História pela UFF (Universidade Federal Fluminense), vê na participação do projeto uma oportunidade de estar em contato com diversas vivências e ter mais consciência dos direitos dos jovens.

Vitória Lohana Sampaio de Souza, 18 anos, moradora do bairro da Penha, disse que o Juventudes a fez pensar sobre assuntos que antes ela não considerava importantes na sua vivência de jovem moradora de periferia. Seu sonho é terminar a escola para poder entrar na Marinha.

Ruanny de Oliveira Freitas, 25 anos, mora no bairro de Ramos e é integrante do grupo de pesquisa Preparadas, na Fundação Oswaldo Cruz. Participa do Juventudes desde o primeiro ano e, para ela, fazer parte da iniciativa lhe mostrou a importância de continuar os estudos. Futuramente tem interesse em fazer uma graduação em Psicologia.

Rafael Chianca, 22 anos, é estudante de administração e morador de Rio Comprido, na zona norte. Rafael afirmou que o projeto proporcionou o acesso à informação e a possibilidade de trocar experiências com jovens de outras localizações e com pontos de vista diferentes. Seu sonho é que as pessoas possam ser vistas, aceitas, e tenham oportunidade e voz.

Ingrid Camargo, 28 anos, é do bairro Campo Grande, tão citado por aqui. É bailarina e internacionalista. Atuou no coletivo de negros da UFF, Diversitas, é uma das fundadoras do Coletivo de Mulheres de Relações Internacionais (COMRI-UFF) e colunista da revista Vírus.

Matheus de Paiva Peçanha, 18 anos, é do bairro da Praça Seca, zona oeste, e participa do projeto desde

o primeiro ano. Para ele, fazer parte do Juventudes é conhecer mais sobre a sua origem e se aceitar. Seu sonho é ter sua própria casa e um trabalho.

Ana Gabriela Ribeiro, 26 anos, é do bairro do Rio Comprido, zona norte da cidade. Faz parte do projeto e do grupo de pesquisa sobre saúde mental da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Ana Gabriela destaca a possibilidade de poder discutir sobre racismo e desigualdade raciais, além do contato com jovens de outros lugares e de diversos movimentos. Seu sonho coletivo é uma sociedade mais justa e igualitária na qual os jovens e a sociedade possam ser quem quiserem. Seu sonho individual é ter uma casa, um bom trabalho e fazer cursos para obter conhecimento.

Monique Lima dos Santos Bezerra, 23 anos, é do bairro Rio Comprido, na zona norte. Cursa faculdade de psicologia e faz parte de um projeto de extensão no Laboratório Gestáltico da faculdade de psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ. Foi integrante do IFHEP. Para Monique, o Juventudes nas Cidades proporciona um espaço de troca de vivências com a juventude de diferentes contextos. Seu maior desejo é ter uma sociedade mais justa e poder viver ativamente de forma mais saudável.

Laryssa de Oliveira Lima, 24 anos, é estudante de psicologia, participa do Fórum de Psicanálise e é moradora do bairro Cabral, em Nilópolis (região metropolitana). No projeto, começou a ter contato com outras vivências, principalmente às voltadas a questões de gênero e raça. Para ela, é importante a valorização dos jovens, assim como ser valorizada como jovem e negra. Seu maior desejo é ter uma vida profissional estável e, por meio da vida profissional como psicóloga, gerar autonomia e conhecimento para a comunidade. Entretanto, ela acredita que a atual conjuntura não favorece o desenvolvimento de seus desejos. "A questão política atual dificulta, principalmente na área da educação. Os cortes das bolsas da Capes são uma prova disso. Não dá pra trabalhar e fazer pós, o que me traz instabilidade. Há também a escassez de oportunidades na pós-graduação", afirmou.

Guilherme Gomes de Souza, 25 anos, cursa engenharia elétrica e é morador de Campo Grande. Ao entrar no Juventudes viu a importância de se ter consciência de classe, conhecimento sobre pessoas transgêneros, liberdades individuais, aceitação, respeito pelas outras pessoas e entendimento do contexto social e político. Almeja conhecer outros países, novas culturas e pessoas.

Laiane dos Santos de Paula, 23 anos, é estudante do ensino médio e moradora da Penha. Ela destaca que um dos ganhos adquiridos foi o de se descobrir enquanto mulher negra, além de ter acesso a um conhecimento político. Almeja cursar medicina, mas coloca que a dificuldade do vestibular não possibilitaria um fácil acesso.

Midiã de Paula Oliveira Freitas, 20 anos, disse que a participação no projeto ofereceu a ela um conhecimento amplo. Ela afirmou que tem ânimo e esperança por estar fazendo algo para mudar a vida da juventude de seu estado.

## CONCLUSÃO

Usualmente, a juventude é uma parcela da sociedade que mais é cobrada para decidir seu futuro profissional e é esperado que sejamos bem sucedidos financeiramente. Em contrapartida o mercado tem resistência em absorver nossa mão de obra, como as últimas pesquisas vêm mostrando. Entramos em um ciclo vicioso onde nunca se consegue emprego pela falta de experiência. Diante disso, neste capítulo procuramos destacar como os jovens vêm articulando suas demandas para construir uma sociedade mais justa, mostrando que temos objetivos, projetos de mudança e, mesmo na contramão, conseguimos nos movimentar para sermos agentes de transformação. É de extrema importância que nossa voz seja levada em consideração no processo de desenvolvimento de políticas públicas voltadas à juventude, pois temos muito o que agregar ao debate.

Com isso, gostaríamos de destacar o quanto é importante rompermos com as estruturas de poder para modificá-las e dar espaço para a juventude ocupar, fazer com a sua cara, jeito e voz.

Aproveitamos a presente publicação para agradecer às coordenadoras Marina Ribeiro e Rachel Barros pelo belíssimo trabalho elaborado com o grupo do Rio de Janeiro. Por mostrarem que é possível construir um espaço onde haja diálogo, escuta e cuidado. Somos grat@s por serem quem são, mulheres negras que tornaram-se referências para nós pelo conhecimento e pela empatia, disseminada em cada olhar delicado e atencioso para cada um de nós. Podem ter certeza que todas as sementinhas que vocês plantaram em nós germinarão conosco para sempre.

Somos privilegiad@s por caminharmos ao lado de vocês. Gratidão por tudo e por tanto!





# INFELIZ MUNDO ESSE QUE PRECISA TER HERÓIS

## SARAVÁ MEU POVO, ME CHAMO GIOBÁ!

Sou mulher forte, guerreira, dessas de garra mesmo, sabe? Não é à toa que o que me simboliza são os rios bravios e é com essa mesma energia que represento a juventude de São Paulo. Demonizam suas crenças, hostilizam suas roupas e cultura, hipersexualizam seus corpos, riem de seus cabelos e pele, dá pra acreditar? Mesmo assim, jovens seguem celebrando a existência, dando continuidade à resistência de seus ancestrais, car-

regando consigo muita fé, orgulho de ser quem são e um sorriso largo, apesar de tantas dores.

As coisas nunca foram fáceis, mas agora a minha gente vive rodeada por santos pecadores engravatados com códigos de barras que apenas se tornam visíveis em época de eleição.

Vivendo uma real democracia de aparências, onde a capacidade de ditar quem merece viver e quem deve morrer é regida por ações soberanas do Estado. Estado este que é signo direto da imensa estratégia elaborada pelos governos que fazem uma gestão cujo extermínio de corpos marginalizados em nada afeta sua tão pura e selecionada ordem social.

Neste capítulo você verá que a política de fazer morrer — necropolítica —, ao contrário do que muitos preferem acreditar, não é uma seleção feita de forma ingênua ou ao acaso. Verá

também como essas decisões cruéis feriram as raízes da história dessa juventude, afetando no agora esses jovens que são deixados entre o crime e a necessidade, com a reverberação de irrefutáveis malefícios no futuro da comunidade negra e periférica.

Como não é só tristeza que corre nesses rios, aqui você descobre as verdadeiras guerreiras nascidas nas periferias, salvando vidas com suas artes, sobrevivendo nos transportes lotados e mudando o presente para transformar o que estava fadado a ser utopia. Sonhando sim, com o dia em que sairão vitoriosas da guerra da desigualdade social contra a corrupção e da batalha direta da massa de cidadãos subnutridos, contra a elite egoísta deste país. Bacana, né? Então, é isso. O convite tá feito. Entra nesse barco e vem conhecer um pouco das riquezas e diversidades do projeto Juventudes nas Cidades em São Paulo. Vai ser um prazer te conduzir pelo encontro dessas nossas águas. Axé!

(Di Eduge)



# São PAULO

# É NO ENCONTRO DE VIDAS QUE SE RESISTE A UM PROJETO DE MORTIFICAÇÃO

Nas dezenas de encontros dos coletivos participantes do Juventudes nas Cidades em São Paulo, uma coisa ficou bem escurecida: as mortes em massa da população negra, de mulheres, trans, pobre e periférica não são aleatórias. O principal agente de execução dessas mortes é o Estado, articulado com o catalisador de assassinatos chamado mercado. Uma política de fazer morrer populações específicas que ficam na ensanguentada e insustentável esteira do capitalismo racial: necropolítica!

Uma política criada e sustentada desde suas origens pelos homens brancos, que mata ao negligenciar as precárias condições de vida dessas populações causadas pela desapropriação, sequestro e escravização. Mata ao criar e executar gigantescos aparatos de execução de pessoas negras com base em um sistema judicial montado para proteger pessoas brancas. Mata pela polícia militar e civil. Mata pela criminalização das drogas. Mata ao retirar de forma forçada e contínua todas as condições de vida da população pobre e negra. Mata pelo isolamento territorial com relação aos serviços públicos de saúde e educação.

Ah, foram muitas trocas concretas entre esses jovens até chegarem em um conceito em comum que descrevesse a forma como funciona o assassinato em massa em suas comunidades, territórios e entre os seus. Esses jovens reuniram-se e resgataram a história da formação da sociedade a partir de um olhar que não se propõe neutro, como o faz o da branquitude. Busca-



Coletivo Zoom (crédito: Nu Bi)

ram as origens da acumulação de bens, realizada sob o suor e mortificação massiva de seus antepassados. Buscaram as origens da tal soberania que constitui um Estado na legitimação das mortes realizadas para a “proteção” de quem está dentro de suas fronteiras, do que é uma ameaça exterior, um inimigo. Nas origens desse sistema, o que definia esse inimigo era a raça: a pureza racial branca deveria ser protegida de toda a “barbárie” que venha de fora. Nada mudou, não é mesmo? Mas a profundidade das trocas entre os coletivos gerou a percepção de que essas fronteiras estão para muito além das fronteiras físicas e imaginárias de um território. Essas fronteiras estão também na forma como humanos são hierarquizados conforme suas diferenças, criando desigualdades e desumanização.

Tamánhas desigualdades que muitas vezes parecem criar muros gigantescos de indiferença com relação ao sofrimento do outro. E está aí um importante mecanismo que faz o triturador da necropolítica girar: a noção de eu e outro. E daí lembraram-se do inesquecível, lembraram-se da potência transformadora que é a coletividade, pois rompem com as principais fronteiras impostas por esse sistema de mortificação. Resistem apenas em se encontrar. E, no encontro, a resistência apenas aumenta. Vai me dizer que isso não faz lembrar um leito de rio que cresce a cada riacho que deságua em suas margens? Um rio que de tão grande vira mar, mas não sem antes um gigantesco tororó<sup>1</sup>.

(Marcelo Jardim)

1. Tororó aqui é utilizado como sinônimo de fonte d'água de rio que em sua origem traz consigo a energia acumulada de outros tantos riachos. E, quando somados, se tornam um só.

O Juventudes na cidade de São Paulo é o puro movimento de circulação das águas que alimenta a vida



São PAULO



# OS COLETIVOS E SUAS AÇÕES POLÍTICAS

## O QUE E COMO DEBATEM SEUS TEMAS

Essa juventude vem com sua luta constante pela liberdade de muitas formas, com muitos temas e muitos jeitos de falar o que, em meio a tantas gerações, está entalado na garganta de quem é oprimido no Brasil. Esse grito ninguém cala. Sistema racista não cala. Sistema econômico não cala. Sistema opressor de gênero não cala. O grito contra as opressões guia a luta de todos esses coletivos e dá forma às suas estratégias.

A **Cia Quatro Ventos** dá esse grito para as crianças em histórias, teatros e oficinas que resgatam a cultura africana e afro-brasileira. Elas levam esse resgate para os pequenos pelas periferias de São Paulo, mesmo com essas ações mais concentradas na zona leste desse mar de concreto.

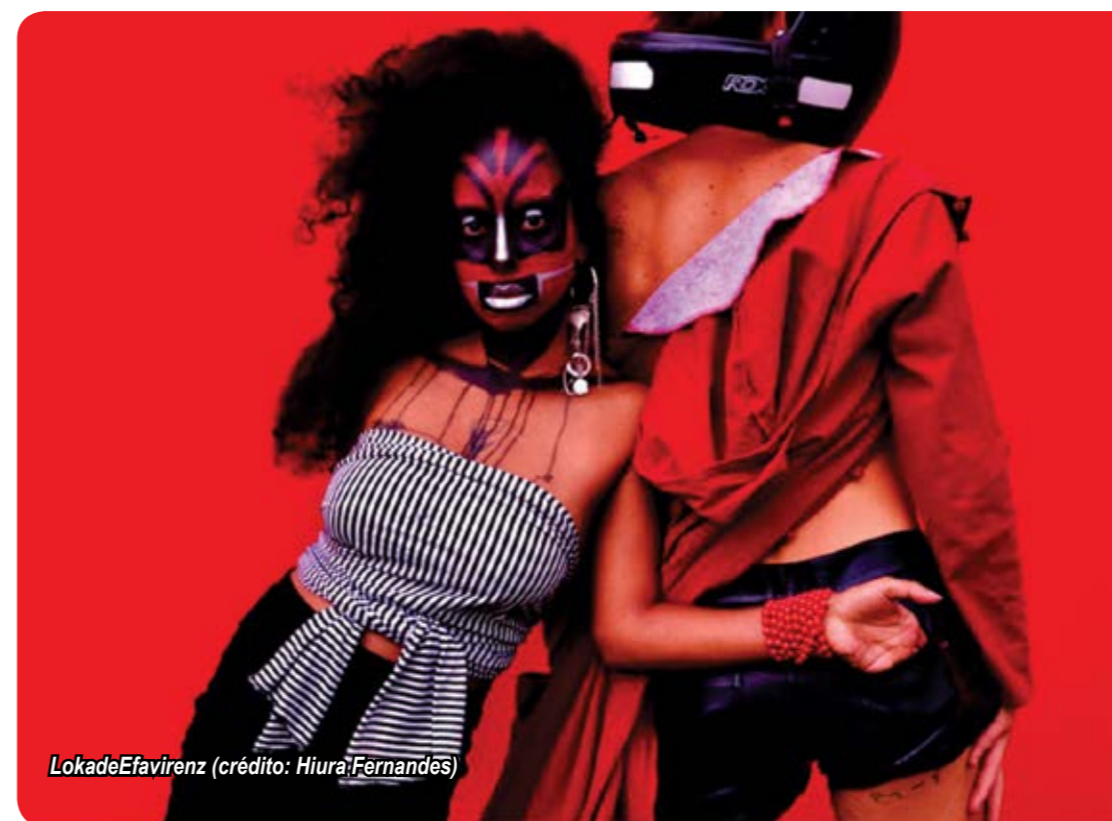
E as fortes mulheres negras da **Coletiva Onilé**, como dizem em suas próprias palavras, são “mulheres pretas que são donas do solo em que habitam e mantêm em força ancestral a atualidade. Entendendo a produção cultural, artística e audiovisual, enquanto ferramenta de trabalho, resistência e construção coletiva na luta antirracista. Ao mesmo tempo, somando potências, estratégia e concretude”.

O **Coletivo Baque CT** ressoa seus tambores pela Cidade Tiradentes no resgate e valorização das manifestações da cultura popular brasileira, como maracatu, samba-reggae, samba-de-coco, jongo e ciranda.

A **Coletiva Alcova** grita contra o racismo ao mesmo tempo em que luta contra o machismo, e grita através de suas poesias, músicas e performances cênicas para que os discursos silenciados historicamente pela branquitude e racismo estrutural sejam ouvidos e vistos. E esse grito também ressoa por toda a metrópole, chamando nas periferias e colocando os centros nos seus respectivos lugares de privilegiados por um sistema violento de mortificação da população negra.



Coletiva-Alcova (crédito: Bea Andrade)



LokadeEfavirenz (crédito: Hiura Fernandes)

Um sistema de extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso é genocídio. Essa juventude se articula contra esse extermínio sistemático da população negra com a **Rede de Proteção ao Genocídio** nos bairros marginalizados da cidade de São Paulo, como São Mateus, Perus, Santana, Capão, Jardim São Luís, Luz, Sé, Butantã e Pinheiros, além de cidades da região metropolitana (Mauá, Diadema, Mogi das Cruzes e Osasco).

Articulação contra um genocídio em curso é o que esses jovens estão fazendo.

E o genocídio é um sistema complexo de assassinato de uma população específica. Nos encontros do Juventudes de São Paulo, a negligência programática da saúde surgiu como uma das ferramentas para matar a população negra. A **Coletiva Loka de Efavirenz** levantou o grito das pessoas vivendo com HIV/AIDS<sup>2</sup> para denunciar a negligência em relação à epidemia de AIDS<sup>3</sup> tem sido uma grave violação aos direitos huma-

nos das pessoas negras e LGBTTQIA+. O silenciamento das consequências da epidemia de AIDS também tem sido cada vez mais imposto, e um exemplo recente disso é a mudança de nome do antigo Departamento de IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis), AIDS e Hepatites Virais para Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis após decreto presidencial virais<sup>3</sup>.

Ao dizer que a AIDS não existe é jogar lama por cima de 12 mil mortes anuais nessa alastrante epidemia. Em São Paulo, a taxa de detecção do HIV entre mulheres negras é 3,1 vezes maior do que entre as mulheres brancas. Em 2017, 3.800 LGBTTQIA+ morreram em decorrência da AIDS. E isso acontece no fluxo das violências cotidianas que essa população vive. As Lokas gritam que ignorar a AIDS é ignorar a mortificação das mulheres negras e das LGBTTQIA+. Vocês ouvem esse grito? Elas gritam por meio de produções audiovisuais, produção de textos e performances.

2.AIDS com cifrão refere-se a epidemia de AIDS enquanto algo que tem sido orquestrado pelo capitalismo para geração de lucros bilionários para as grandes farmacêuticas. Como a morte por AIDS é evitável e a maior parte das pessoas que ainda morrem em sua decorrência são negras, dizemos que essa epidemia é mais um elemento do genocídio da população negra pelo capitalismo racial. O lucro pela morte é o que nos leva a utilizar conceito de necrocapitalismo. E o lucro com a morte de pessoas negras é o que nos leva a usar o termo necrocapitalismo racial. A sigla AIDS refere-se a a síndrome da imunodeficiência adquirida, e deve ser utilizada assim quando vamos nos referir a pessoas vivendo com HIV/AIDS. Mas quando falamos da epidemia de AIDS abarcando o seu caráter social, em uma sociedade conduzida pelo lucro, racismo e indiferença, usamos a sigla AIDS\$.

3.O decreto Nº 9.795 do Governo Federal foi publicado em 17 de maio de 2019.

São PAULO



TRANSARAU (crédito: Bernardo Enoch)

Entra contra a violência contra as LGBTQIA+ gritam as integrantes do **TRANSarau** em poesia, performances, dança e produção audiovisual por toda São Paulo, principalmente na região central. Elas gritam contra a transfobia e toda a violência imposta por um sistema opressivo de gênero. A TRANSarau grita pela liberdade de experimentar o corpo para além de fronteiras tão superficiais e violentamente impostas.

Muitas vezes essa violência significa perder a própria família. As LGBTQIA+ são constantemente colocadas para fora de casa. Em São Paulo, essa juventude está vendo diante de seus próprios olhos as suas irmãs e seus irmãos LGBTQIA+ morando nas ruas, principalmente transexuais e travestis negras. Na luta contra esse tipo de violência atua um coletivo muito grande em número, potencialidades e realizações aqui da selva de concreto. O nome delas é **Família Stronger**. Cada vez mais forte, o grito dessas LGBTQIA+ é se organizar para se acolher enquanto uma família. Se organizam também para militar pelos seus direitos, realizando manifestações, festas e rodas de

conversa. Essa família, de tão grande, está espalhada por todo território desta cidade gigantesca.

Já o **Coletivo EWE** oferece um espaço acolhedor, uma casa para que todes possam se expressar como são. Elas atuam nas frentes de Juventude, Raça e Etnia, Gênero, LGBTQIA+, Cultura, Política, Direitos Humanos e oferecem um espaço para fortalecer coletivos que tenham essas pautas em comum para exposições artísticas. Também realizam o CineEWE, apresentando filmes para suas comunidades sobre os assuntos que debatem. É muita força!

O **Coletivo Zoooom** é apresentado aqui com suas próprias palavras: nasceu em 2009, no programa Vocacional, no bairro Fazenda da Juta-Sapopemba e tem como principal objetivo colocar em questão as problemáticas relativas aos corpos periféricos no âmbito de raça, gênero, sexualidade e classe. Por meio de práticas artístico-pedagógicas, as integrantes propõem criar encontros que possam gerar um intenso e contínuo diálogo com as artistas, ativistas e comunidade. Como ferramenta de ação, as linguagens utilizadas pela Zoooom são o teatro, dança, performance, espetáculos e trabalhos audiovisuais.



Coletivo Zoooom (crédito: Nu Bi)

Como método de trabalho, a Coletive realiza rodas de conversa, no formato “Open Space – Espaço Aberto”, exibição de filmes, palestras, cursos e apresentações artísticas em espaços públicos e privados.

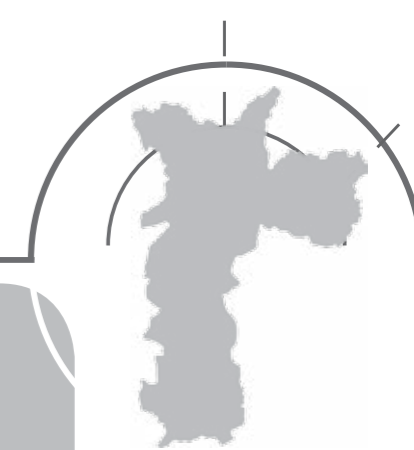


Periferia Preta (crédito: Kako Arancibia)

As manas do **Periferia Preta** vieram para estabelecer um diálogo direto sobre produção cultural com foco em territorialidade, raça e gênero na Fazenda da Juta, Zona Leste de São Paulo. Elas articulam-se em seu território, pensam e agem de forma propositiva, construindo e executando projetos que são verdadeiras formações sobre produção cultural por e para pessoas negras.



## São PAULO



E ali na Zona Leste estão as manas da **Coletiva G**, propondo discussões democráticas sobre opressão de gênero, gordofobia, racismo, luta de classe e LBTFOBIA. Elas usam as artes visuais e produção audiovisual para levar suas discussões de forma itinerante pelas periferias de São Paulo.



Coletiva G (crédito: Ariane Oliveira)



Corpos Marginais (crédito: Verônica Vieira)

O **Coletivo Audiovisual Itinerante, CAI**, também leva o cinema pelas periferias de São Paulo, com a proposta de um cinema participativo e comunitário. A intenção deles é criar comunidades que fazem do cinema sua ferramenta de participação social na comunidade.

O **Coletivo Corpos Marginais** aborda o gênero e sexualidade a partir da dança para investigar e estimular variadas formas de expressão e produção periférica, atuando no Estado de São Paulo.



Nos Madalenas (crédito: Fernanda Correia)

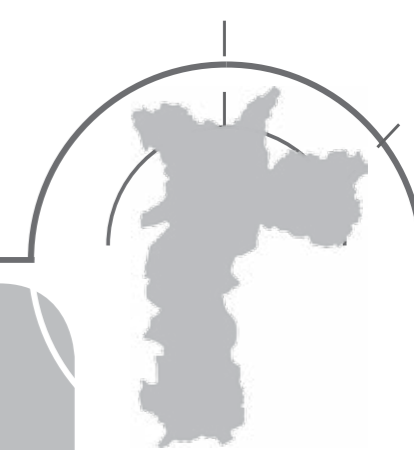
De produção audiovisual, as manas do **Coletivo Nós Madalenas** entendem. Ô se entendem! Procura "Mucamas" no YouTube<sup>4</sup> pra entender o nível de qualidade do trabalho delas. Um trabalho que se propõe a discutir incidências políticas com recortes de gênero e raça, atuando em todo o território nacional. Lembrem que falamos no início que essa juventude é tororó pra falar o que quer e precisa?



Coletivo Hip-Hop no Vagão. (Crédito: Reprodução)

Os meninos do **Coletivo Hip-Hop no Vagão** levam a sua dança nos vagões que transportam o peso da cansativa rotina da selva de pedras que é São Paulo. Eles usam a música e dança de seus corpos para entreter a população, para colocar um sorriso nos olhos de quem vê uma pessoa movimentar-se para tão além da movimentação robótica que a maquinaria do trabalho exploratório nos leva a ter ao longo dos dias.

4. [https://www.youtube.com/watch?v=NB1CQU\\_j3Ek](https://www.youtube.com/watch?v=NB1CQU_j3Ek)





Coletivo Feira Livre de Quebras (crédito: Leo Brito)

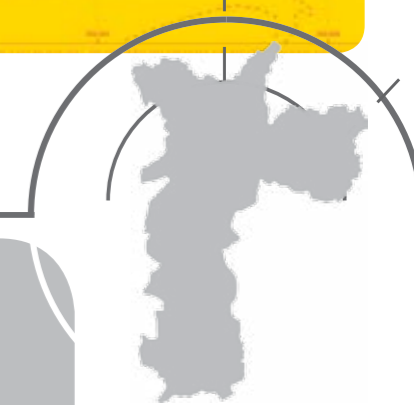
● **Coletivo Feira Livre de Quebras** surge em 2017 para discutir e realizar ações sobre autonomia econômica de pessoas periféricas, atuando de forma itinerante por São Paulo. As ferramentas utilizadas por esse coletivo são muito diversificadas, como design, comunicação, marketing, artes visuais e economia solidária. Nos encontros promovidos pelo Feira Livre de Quebras são realizadas trocas de ideias para criação de espaços educacionais de formação independente.

**TEMAS, ATIVIDADES E TERRITÓRIO**

<b>TERRITÓRIO NACIONAL</b> <b>ONILÉ</b> RAÇA GÊNERO CULTURA PRODUÇÃO CULTURAL, ARTÍSTICA E AUDIOVISUAL	<b>ESTADO DE SP</b> <b>ALCOVA</b> RAÇA GÊNERO SEXUALIDADE POESIA, MÚSICA E PERFORMANCES CÊNICAS.	<b>ITINERANTE. FOCO NA ZL DE SP</b> <b>COLE TIVA G!</b> LUTA DE CLASSES LGBTQIA+ GÊNERO GORDOFOBIA RAÇA DISCUSSÕES DEMOCRÁTICAS
<b>REDES SOCIAIS E ESTADOS DO BR</b> <b>LOKA DE EFAVIRENZ</b> DIREITOS HUMANOS HIV/AIDS DESCONSTRUIR O SENSO COMUM EM TORNO DO DEBATE SOBRE HIV/AIDS	<b>CID. TIRADENTES</b> <b>CULTURA</b> GRUPO DE PERCUSSÃO BAQUE CT MARACATU, SAMBA-REGGAE, SAMBA-DE-COCO, JONGO E CIRANDA	<b>CIDADE DE SÃO PAULO</b> <b>LGBTQIA+ FAMÍLIA STRONGER</b> DEBATES, RODA DE CONVERSA E MANIFESTAÇÕES
<b>TERRITÓRIO NACIONAL</b> <b>NÓS, MADALENAS</b> RAÇA GÊNERO INCIDÊNCIA POLÍTICA	<b>ITINERANTE</b> <b>RAÇA</b> COLETIVO AUDIOVISUAL ITINERANTE PROPOSTA DE CINEMA PARTICIPATIVO E COMUNITÁRIO	<b>ESTADO DE SÃO PAULO</b> <b>COLETIVO CORPOS MARGINAIS</b> CULTURA GÊNERO SEXUALIDADE INVESTIGAR E ESTIMULAR FORMAS ARTÍSTICAS DE EXPRESSÃO DESTACA A DANÇA PERIFÉRICA
<b>CIDADE DE SÃO PAULO, CENTRO</b> <b>LGBTQIA+ TRANSarau</b>	<b>FAZENDA DA JUTA - ZL DE SP</b> <b>PERIFERIA PRETA</b> TERRITORIALIDADE GÊNERO RAÇA PRODUÇÃO CULTURAL PERIFÉRICA	<b>ZONA LESTE DE SÃO PAULO</b> <b>INFÂNCIA CULTURA</b> CIA. AOS QUATRO VENTOS TEATRO, CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E OFICINAS / CURSOS
<b>SÃO MATEUS, PERUS, SANTANA, CAPÃO, SÃO LUÍS, MAUÁ, DIADEMA, LUZ, SÉ, MOGI, OSASCO, BUTANTÃ, PINHEIROS</b>	<b>SÃO PAULO</b> <b>ECONOMIA SOLIDÁRIA</b> SUSTENTABILIDADE EMPREENDEDORISMO	<b>METRO SP</b> <b>HIP HOP NO VAGÃO</b> CULTURA HIP HOP MÚSICA E DANÇA COMO ENTRETENIMENTO NA VOLTA PRA CASA
<b>DIREITOS HUMANOS RAÇA</b> <b>REDE DE PROTEÇÃO AO GENOCÍDIO</b> RODAS DE CONVERSA/ SEMINÁRIO/ FORMAÇÃO/ INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS	<b>CIDADE DE SÃO PAULO</b> <b>EWE</b> RAÇA GÊNERO DIREITOS HUMANOS LGBTQIA+ JUVENTUDE ESPAÇO ABERTO PARA EXPOSIÇÕES ARTÍSTICAS, PALESTRAS E O CINEËWE	<b>FAZENDA DA JUTA SAPOEMBA - ZL</b> <b>GÊNERO SEXUALIDADE COLETIVO ZOOOOM</b> ESPAÇOS ABERTOS PARA DEMOCRATIZAR DISCUSSÕES ACERCA DA POPULAÇÃO LGBTQI.



**São PAULO**





## O QUE NÓS QUEREMOS?

Existe uma diferença muito grande entre REPARAÇÃO E RETRATAÇÃO. E quando nós, o povo preto, pedimos REPARAÇÃO, nós não estamos pedindo que o branco seja escravizado, que seja açoitado, estuprado, vendido como mercadoria ou que seja hipersexualizado, coisificado, tratado como um povo feio, com defeito de cor ou mesmo que tenha a autoestima roubada como foi a nossa. A gente não quer apenas a sua retratação, a gente não tá satisfeito com as lágrimas de um branco dizendo que entende nosso sofrimento. Quando se fala de reparação nós estamos querendo tudo que nos foi e é roubado até hoje, inclusive o direito à vida. O genocídio não é novo pra nós. É um plano cruel de extermínio da nossa raça.

Quando nós pedimos reparação histórica, porque nós pedimos e não exigimos, estamos falando dos livros de história, estamos falando da demonização das religiões de matriz africana, estamos falando da lei da vadiagem que foi feita para encarcerar o povo preto e nos manter longe do convívio social, estamos falando dos quilombos urbanos que se ergueram sem suporte nenhum e hoje são conhecidos como favela. Estamos falando do alvo costurado em nosso peito, das balas que são planejadamente perdidas, do guarda-chuva “confundido” com fuzil, da furadeira confundida com uma arma, do estilo do cabelo ser prova suficiente para nos manter encarcerados, dos mais de 80 tiros. Reparação não tem a ver com pedido de desculpa. A tal retratação não nos devolverá a autoestima, a saúde mental. Pedir desculpa não isenta os brancos do racismo. Quando nós falamos de reparação não é para que os brancos possam nos servir como nós os servimos há mais de 500 anos. Quando nós falamos de reparação, estamos falando de direitos iguais.

Não é sobre cotas, é sobre a faculdade inteira, é

sobre o direito de acessar as universidades, é sobre as mesmas oportunidades de trabalho, sobre condições justas de disputa pela vaga de emprego, é sobre não termos mais a obrigação de sermos 10 vezes melhores pelo tom de pele que carregamos. É sobre poder ser apenas nós, é sobre não sermos mais seguidos dentro dos estabelecimentos, é sobre essa condição de marginais que nos persegue e é legitimada pelo Estado.

E pra finalizar, achamos muito bonito esses movimentos que apesar de só abraçarem ao povo PRETO quando é conveniente, lutarem por mais igualdade, porque essas pessoas sim conseguem circular livremente sem ser vista como alguém suspeito. E nós queremos, sim, ser vistos e reconhecidos como a Obá do mundo, mas nesse momento a prioridade — e creio que essa também seja a prioridade de todo preto — é antes de tudo manter-se vivo. Porque se mortos nós pudéssemos fazer revolução, não teria sido feito o que é feito até hoje.

Então PAREM DE NOS MATAR!!!

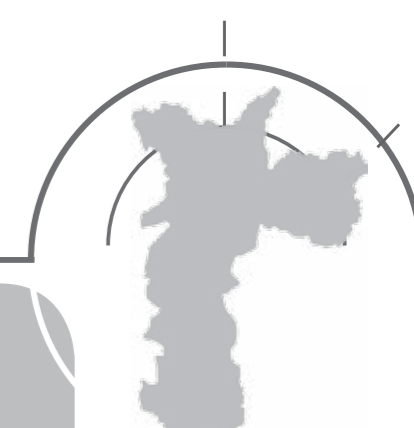
(Patrícia Meira)

## REDE DE PROTEÇÃO CONTRA O GENOCÍDIO

Já não basta mais falar de luta, independentemente de causa justa.  
 Nessa guerra qual tipo de arma nós usa?  
 Vivemos tempos de insanidade, sinceramente los digo,  
 Prossigo e na real, consigo? De qual lado estamos?  
 Pare e pense no que leva a cura ou de quem está doente  
 Me pergunto a todo tempo, vivemos tempos insanos  
 O ser humano se perdeu?  
 A cada fato deixo de existir um pouco  
 Mas, poesia é troca então não me ignora por favor, não ignora.  
 Não vamos perder o sentido da vida que pra alguns se perdeu.  
 Entre encontros e desencontros no meio de sofrimento  
 Nas vias das vidas o número é apenas um detalhe de transformar  
 vidas através da poesia.

(Richard Santos)

São PAULO



# NÃO SEREMOS INTERROMPIDES



*Florescemos (crédito: Ariane Oliveira)*

De acordo com o mais recente atlas da violência, estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) juntamente com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 75,5% das vítimas de homicídio no país são negras<sup>5</sup>.

Procurando justificar o injustificável, o discurso soberano é: eram suspeitos! Uma família inteira alvejada por 80 tiros no peito? Era ladrão! Rodrigo Serrano, indo encontrar a esposa com um guarda-chuva na mão? Foi bala perdida! Três disparos no Kauan Peixoto, jovem atingido indo comprar comida? Era marginal! Cláudia Ferreira, baleada e arrastada por uma viatura policial? Foi sem querer! Marcos da Silva, baleado indo pra escola aprender. Era ameaça! João Victor, jovem com furadeira pra arrumar a casa? Eu fui agredido! Luana Barbosa, sapatão desarmada na frente do filho? Eles reagiram! Cinco jovens após 111 tiros? Qual seria a comção da sociedade se esses mortos fossem brancos?

São inúmeras famílias dizimadas e perguntas que nunca serão respondidas, pois caem no esquecimento e morrem com suas vítimas. Parafrazeando Saramago, "o mundo esquece tanto que nem sequer dá pela falta do que esqueceu".

Vivendo num país que elege pro poder genocidas capazes de assassinar a vereadora Marielle Franco pra dar um grande cala boca na militância negra e periférica por divergir de seus interesses podres e corruptos, lutar e resistir são verbos que todo brasileiro preto aprende desde sempre.

A real é que toda periferia é campo de extermínio do povo preto que vive com um alvo tatuado nas costas fazendo desse corpo marginalizado objeto direto de milícias, de balas que todo mundo sabe que não são perdidas e ponto certo pra mira do Estado que, não por acaso, tem licença pra matar — primeiro atira, depois pergunta — e segue assassinando a juventude por racismo e pela guerra imposta diariamente a esses moradores de comunidade.

Acontece que morre o corpo, mas a essência fica e essa não pode ser interrompida. A luta dos que foram silenciados não será em vão porque a resistência continua ecoando no grito de cada negro e periférico que mantém de pé seus corpos e seus sonhos, focados em construir uma sociedade mais justa, igualitária, definida pelo amor e não pelo medo, mas para isso é preciso permanecer vivo.

(Di Eudge)

# CELEBRANDO A RESISTÊNCIA PELA VIDA

Se de dentro do seu carro blindado você der uma volta pela periferia vai se deparar, assim, logo de cara mesmo, com o desequilíbrio no padrão de vida existente aqui comparado com o restante da cidade. É aquela história, muita parede de madeira ou precisando de reboco, moto com escapamento barulhento e uma igreja a cada 500 metros. Tem também a rapaziada ouvindo funk na esquina e uns tiozinhos no boteco tomando umas e contando vantagens. A vida na quebrada é assim.

Andando um pouco mais, você começa a perceber o que já não encontra com tanta facilidade. Cadê as creches, hospitais, praças arborizadas, opções de lazer e saneamento... Cadê o básico?

Na moral, desce do carro aí boy, se liga nessa fita aqui de perto, é rapidão. Relaxa, que sinônimo de pobre e preto não é crime, não. Sabe, dentre essas faltas todas, a principal é a falta de respeito com o nosso povo. Principalmente com o povo preto que ocupa o maior espaço tanto nos cárceres, quanto nas favelas e periferias designadas como moradias. Agora, quando você ver a imprensa noticiando vandalismo para gerar medo na sociedade, vai saber que é a revolta dos meus que estão exaustos de viver anestesiados por lágrimas e sofrimento e buscam de forma desesperada mudar essa dura realidade. Ah, e se achar policiamento por aqui é pra tomar cuidado, viu? Voltando do trabalho ou indo pra faculdade, pode ainda ser considerado suspeito e depois descobre-se que foi morto por ser favelado. Pode pá que a vida na quebrada também é assim.

Com essas mesmas armas, os agentes públicos do Estado matam

nossos corpos, nossa cultura e nossas memórias. É um sistema tão bem elaborado que, depois, com a maior cara de pau, nos culpam por essas mortes, naturalizam suas barbáries e apagam as estatísticas como se o genocídio da população negra, indígena e periférica não estivesse acontecendo nesse exato momento. É como dizem: a corda sempre arrebenta do lado mais fraco, né? Só que não é questão de fraqueza e, sim, de injustiça e covardia. Vai vendo.

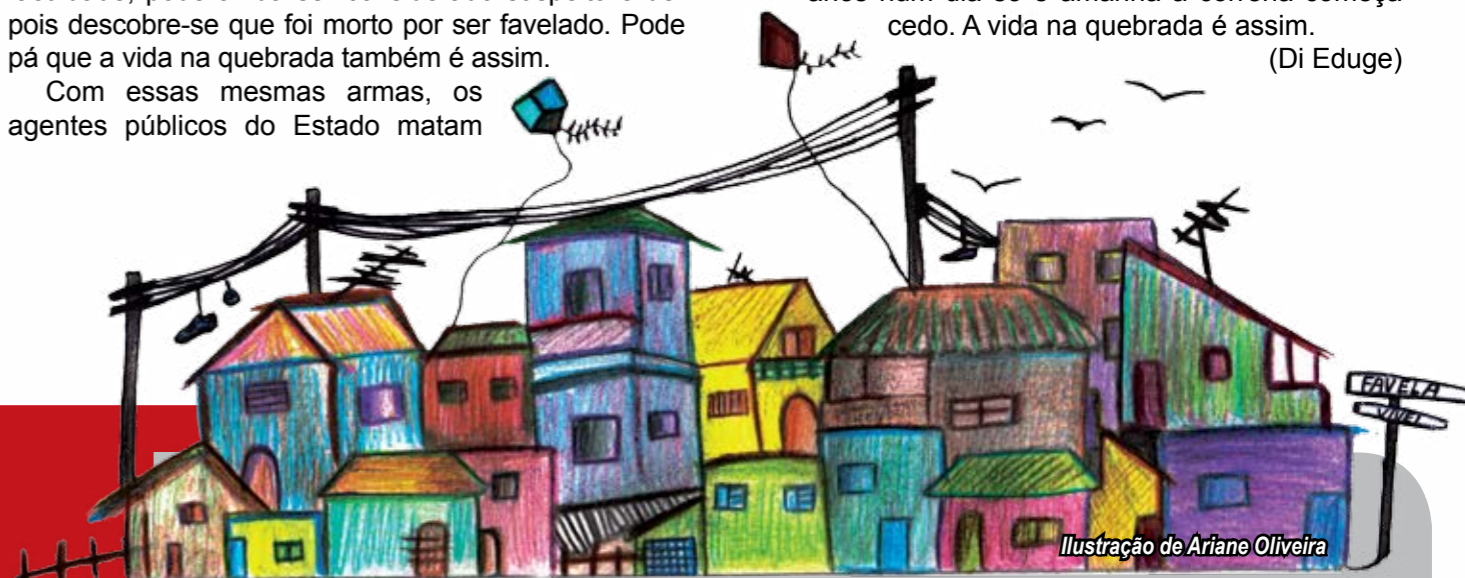
O Estado Brasileiro é o maior inimigo da comunidade porque é conduzido por um regime arbitrário que, mesmo num estado laico de direito, se apoia em religião e na fé dos cidadãos para disseminar suas intolerâncias e justificar suas atrocidades em um sistema rico, poderoso e com uma organização desumana, elitista e violenta.

Em sua maioria, os não-negros fingem se importar com essas práticas, enquanto muitos negros fingem não saber, mantendo a lei da favela: ver, ouvir e calar. E assim, esse projeto de anulação da negritude que manipula também os próprios negros, segue se apropriando de sua cultura e os fazendo participar obrigatoriamente de uma higienização onde não se sentem capazes, onde não têm perspectivas e não têm permissão pra sonhar. Com tudo isso, como manter vivos os nossos corpos e afetos?

Com muito suor e coletividade aprendemos a retirar as pedras do caminho. A cada família que chora a perda de um filho, uma mãe ou um irmão, nós gritamos: Presente! Isso serve pra mostrar que não vão nos parar e que a energia daquela pessoa ainda vive através de cada um de nós que contraria as estatísticas e se mantém de pé, apesar da estrutura de apagamento que silencia e ameaça nossa existência com essa guerra declarada ao corpo periférico. De punhos cerrados, cabeça erguida e voz ativa seguimos firmes carregando sempre a consideração pelo legado de nossos ancestrais, a força para celebrar a resistência pela vida e a esperança de que sairemos vitoriosos da luta contra todas essas desigualdades. E que entendam de uma vez por todas: nenhum de nós a menos!

Bom, é isso. Cê tá ligado que não dá pra contar 500 anos num dia só e amanhã a correria começa cedo. A vida na quebrada é assim.

(Di Eudge)



*Ilustração de Ariane Oliveira*

5. [http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio\\_institucional/190605\\_atlas\\_da\\_violencia\\_2019.pdf](http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/190605_atlas_da_violencia_2019.pdf)



# PARA SE LER COM O CORAÇÃO

Para os povos originários, anteriores a qualquer colonização branca, se não estivermos em equilíbrio com a natureza do mundo, do outro, e de nós mesmos, somos inflamados, afastados dos espíritos e facilmente caímos enfermos do corpo e da alma. Se observamos como temos vivido os últimos tempos, parece que a confusão que vivemos em nossas vidas se dá de maneira isolada, ou por conta de erros de uma ou outra política de Estado... Na realidade, tem a ver com a nossa falta de conexão com os nossos ancestrais! Não estou minimizando a política eugênica de extermínio, apenas afirmando que ela se alimenta de nossa fraqueza. Quando não levamos em conta os espíritos (os nossos e de nossos ancestrais), deixamos que a racionalidade tome conta, e isso nos inflama e nos distancia de nossas verdadeiras origens. "É preciso falar com o coração" diz um ditado Guarani... Bom, vou tentar explicar melhor...

Para os povos originários, a comunidade é a base na qual as pessoas compartilham seus dons e recebem as dádivas uns dos outros. A primeira coisa que a colonização fez foi nos roubar o senso de comunidade. Fazendo-nos acreditar que estamos sozinhos em nossa luta diária. Depois disso, nos fez acreditar que não temos dons. Ora, vivenciar nossos dons é o que evita um bloqueio espiritual, e essa vivência só é possível em comunidade.

A noção de indivíduo nos faz esconder nossas crises e dificuldades, e elas vão crescendo e se alimentando de nossos medos, até que um dia começa a nos estrangular. É por isso que os povos originários nos ensinam a importância de nutrir pequenos convívios todos os dias, nos abrir, desabafar... "Ser fraco" ou "forte" é a dicotomia do Norte,

mas nós somos do Sul... Somos os olhos de nossos ancestrais nesse mundo. Quando observamos que algo não vai bem, tentamos achar o caminho por nós mesmos, porque nos disseram que não devemos pedir ajuda, que o outro é um competidor, que a vida é uma corrida, que não merecemos ser ajudados... Então, corremos o risco de perder nosso tempo em questões que são tarefas para nossos aliados de outros mundo. Devemos conversar diariamente com nossos ancestrais, pedindo direcionamento e sabedoria. Aprender a enxergá-los no nascer de cada sol, na borboleta discreta no meio do concreto, na velhinha do farol, nas nossas mães, em nossos amigos...

É necessário navegar de volta para a nossa casa. Aprender sobre nós, não por curiosidade, mas como uma nova possibilidade epistemológica e ética. Disse-ram a vida inteira que deveríamos ter um norte na vida, mas a gente precisa mesmo é voltar para o Sul. Percorrer o mesmo destino de nossos antepassados até encontrarmos nós mesmos. É aqui que reside a chave do ensinamento dos povos originários: saber discernir sobre si mesmo! Vivemos em meio a um rio imprevisível de acontecimentos, dúvidas, indagações e escolhas morais... A capacidade de discernimento é uma travessia dentro de nós mesmos para não nos deixar afogar em meio às intempéries... Não tenha pressa de responder às dificuldades da vida, não deixe a irritação cegá-lo... reconheça que somos o sonho de nossos ancestrais e grandes coisas têm acontecido até aqui. O mundo não acaba em nós. O que estamos fazendo para os que virão depois?

Esse texto não foi escrito para ser entendido, para ser uma resposta... É um desabafo para ser sentido com o coração. Perdemos muito tempo acreditando nas falácias brancas, precisamos voltar a dançar, olhar a mata... Precisamos voltar para a casa! Para nossa casa!

(Aline Ferreira)



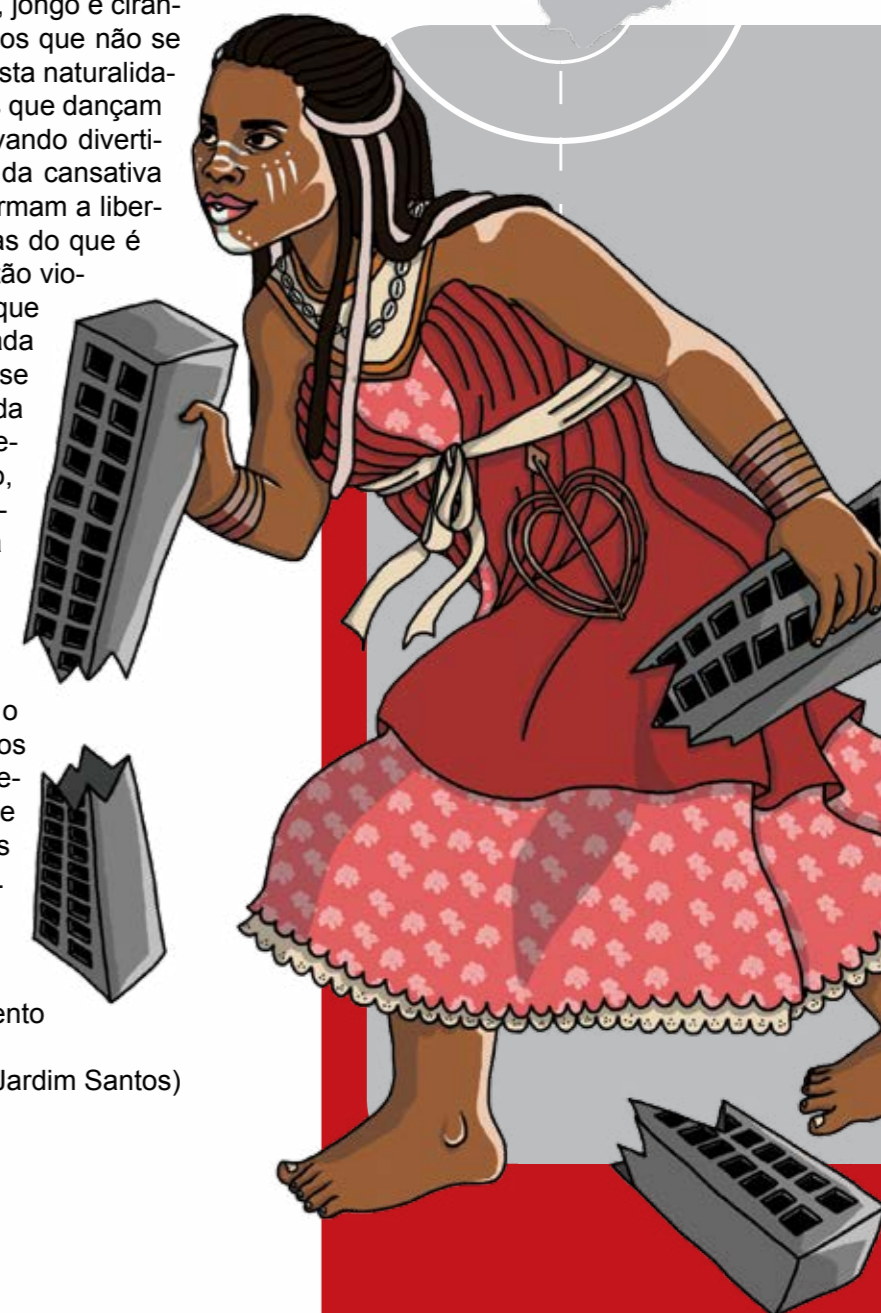
A Juventude na cidade de São Paulo é feito água de rio. Ela escoar por leitos, vezes rasos, vezes profundos. Às vezes calmas, serenas e pacientes. Às vezes em fortes correntezas, levando tudo o que há pela frente. E às vezes o que a água do rio tem pela frente é uma grande rocha a ser lapidada pelo bater dessas águas. Aqui em São Paulo a ganância da branquitude cobriu os rios com concretos e poluiu os que não eram possíveis cobrir. E enquanto faziam isso, assassinaram povos indígenas e sua história, para depois colocar estátuas desses assassinos como heróis da cidade. De tempos em tempos as águas voltam, e ao escorrer pelo chão fazem lembrar o que é quase inesquecível: esse projeto de sociedade vai escoar. E o grande rio que hoje esculpe essa grande pedra que está a frente é a juventude.

Essa juventude que batuca os tambores, fazendo sons que ressoam as manifestações da cultura popular brasileira de maracatu, samba-reggae, samba-de-coco, jongo e ciranda. Sons que fazem corpos dançarem, corpos que não se encontram na limitação violenta de uma suposta naturalidade, que estão para além das medidas, corpos que dançam nos vagões mais rápidos e mais lotados, levando divertimento para as pessoas que estão voltando da cansativa rotina dessa grande rocha. Jovens que performam a liberdade de ser para além das estreitas fronteiras do que é imposto como normal. Essa liberdade que é tão violentamente negada é chamada nas poesias que saem das bocas dessas jovens, e é conquistada na reunião de pessoas que se protegem e se acolhem enquanto uma família que se faz cada vez mais forte. Força de uma rede que protege da morte orquestrada enquanto genocídio, pois esses jovens não são peixes, são os próprios rios. E essa força que se amplia a cada contação de história que enche os límpidos olhos d'água da infância com a cultura afro e afro-brasileira, e registra ao vivo e a cores a luta do seu povo.

O Juventudes na cidade de São Paulo é o puro movimento de circulação das águas de rios que alimentam a vida. Esses rios são mulheres cisgêneras e transsexuais negras, mães e periféricas. São travestis negras. São homens cisgêneros e transexuais negros e periféricos. São pessoas gordas. São as lésbicas, bissexuais e bixas negras. São pessoas negras vivendo com HIV/AIDS. São meninos negros da periferia. São imigrantes. São o enchimento de um poderoso rio que não seca nunca.

(Marcelo Jardim Santos)

# LEVANTANDO OS CONCRETOS



## FICHA TÉCNICA

### PROJETO JUVENTUDES NAS CIDADES

#### Coordenações gerais e direções executivas das organizações:

Ação Educativa: Maria Virginia Freitas.

Criola: Lúcia Xavier.

Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (Fase): Evanildo Barbosa da Silva e Letícia Rangel Tura.

Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase): Athayde Motta e Rita Corrêa Brandão.

Instituto de Estudos Socioeconômicos (Inesc): Iara Pietricovsky e José Antônio Moroni.

Instituto Pólis: Danielle Klintowitz, Henrique Frota e Margareth Uemura.

Oxfam Brasil: Katia Maia.

#### Coordenação nacional do projeto: Tauá Pires (Oxfam Brasil).

#### DISTRITO FEDERAL

Coordenação local (Inesc): Nathalie Beghin.

Equipe de educadoras/es (Inesc): Dyarley Viana, Marcela Esteves e Marcus Dantas (Aborígene).

Produção de conteúdo: André Felipe Barros de Medeiros, Dyarley Viana de Oliveira, Fábio William da Silva Pereira, Jéssica Pereira da Silva, Luana Gomes de Souza, Lucas Miguel Salomão Meireles, Tatiana dos Santos Penha.

Fotografias: Fabio William da Silva Pereira e José Bernardo Fernandes.

Infográficos: Lucas Miguel Salomão Meireles.

Poesias: Ayoola Akilah e Sara Aruana Belsa dos Reis.

Cypher Corre MCs: Alex, Dozra, Gabi Kashuu, Jaynah Cristine, Lucas Miguel, MC Fernandes, Marinão e Matheus Furniga.

#### RECIFE

Coordenação local (Fase Pernambuco): Luiza de Marillac Melo.

Equipe de educadoras/es (Fase Pernambuco): Rosimere Nery e Rodrigo Rafael.

Produção de conteúdo: Alberto Pires, Beatriz Mendonça, Débora Aguiar, Josiane Silva, Julliane Alves, Larissa Themonia, Laryssa Falcão, Leticia Carvalho, Maria Janielly, Rayanna Maria, Stilo Santos e Suzana Santos.

Poesias: Débora Aguiar, Edilson PG Lima, Joy Thamires e Nayara Fernandes.

#### RIO DE JANEIRO

Coordenação local: Aercio de Oliveira (Fase Rio de Janeiro) e Rita Corrêa Brandão (Ibase).

Equipe de educadoras/es: Rachel Barros (Fase Rio de Janeiro) e Marina Ribeiro (Ibase).

Produção de conteúdo: Elaboração coletiva das e dos jovens do projeto no Rio de Janeiro.

Fotografias: Acervo Ibase e Fase, Genice Souza, Kawan Souza e Rachel Barros.

#### SÃO PAULO

Coordenação local: Anna Luiza Salles Souto (Instituto Pólis) e Gabriel Di Pierro (Ação Educativa).

Equipe de educadoras/es: Cássia Caneco (Instituto Pólis) e Renato Souza de Almeida (Ação Educativa).

Produção de conteúdo: Aline Ferreira, Carlos Eduardo Cunha, Di Eduge, Marcelo Jardim, Patrícia Meira e Thaís Oliveri.

Poesia: Richard Santos

Infográficos: Bruna Vieira

Colagens: Ariane Oliveira

**Ilustrações:** Letícia Carvalho.

**Revisão e edição:** Mônica Ribeiro e Ribeiro.

**Projeto gráfico e editoração:** Renato Barros Almeida.

**Agradecimentos:** para além da participação ativa das autoras e autores neste projeto, agradecemos ao Espaço Moinho de Vento, Espaço Imaginário, Coletivo das Cidades, Centro de Economia Solidária, Palco Comparsaria, Mercado Sul Vive, ao Projeto Poesias nas Quebradas, em especial, a Rose Silva que esteve nos nutrindo. Agradecemos também a colaboração e as contribuições de Ananda M. King, Jorge Cordeiro, Muana Martins e Poka Nascimento.

A Oxfam Brasil agradece a suas parceiras Ação Educativa, Criola, FASE Pernambuco, FASE Rio de Janeiro, Ibase, Inesc e Instituto Pólis pelo trabalho comprometido e de qualidade desenvolvido conjuntamente. Agradece também a Oxfam Hong Kong que apoia essa iniciativa e, especialmente, aos jovens do projeto Juventudes nas Cidades que toparam fazer parte dessa vivência coletiva de formação, troca, incidência, fortalecimento e solidariedade. Esperamos que esta publicação sirva como ferramenta de disseminação de conhecimentos e ampliação das perspectivas sobre a enorme importância das juventudes em nosso país.



